UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

SABINE MARQUES SERAFIM

O PAPEL DAS IDEIAS NA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO BILATERAL BRASIL-CHINA DURANTE O GOVERNO BOLSONARO (2019-2022)

JOÃO PESSOA

2025

SABINE MARQUES SERAFIM

O PAPEL DAS IDEIAS NA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO BILATERAL BRASIL-CHINA DURANTE O GOVERNO BOLSONARO (2019-2022)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Profa. Ms. Julia Silva Rensi
Coorientador: Prof. Dr. Túlio Sérgio Henriques Ferreira

JOÃO PESSOA

2025

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S481p Serafim, Sabine Marques.
O papel das ideias na política externa brasileira: uma análise da relação bilateral Brasil-China durante o governo Bolsonaro (2019-2022) / Sabine Marques Serafim. - João Pessoa, 2025.
54 f. : il.

Orientação: Julia Silva Rensi.
Coorientação: Túlio Sérgio Henriques Ferreira.
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Ala ideológica. 2. China. 3. Discurso sinofóbico. 4. Governo Bolsonaro. 5. Ideias e política externa. I. Rensi, Julia Silva. II. Ferreira, Túlio Sérgio Henriques. III. Título.

UFPB/CCSA CDU 327(043)

Elaborado por ANDRE DOMINGOS DA SILVA FERNANDES - CRB-15/00730

SABINE MARQUES SERAFIM

O PAPEL DAS IDEIAS NA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO BILATERAL BRASIL-CHINA DURANTE O GOVERNO BOLSONARO (2019-2022)

Trabalho de Conclusão de Curdo apresentado ao Curso de Relações Internacionais do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel (a) em Relações Internacionais.

Aprovado(a) em, 17 de Abril de 2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Júlia Silva Rensi – (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof. Dr. Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat Ferreira
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Profa. Dra. Liliana Ramalho Fróio
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

AGRADECIMENTOS

Por muito tempo, só de ouvir a palavra “TCC” me causava um misto de preocupação e medo, mas eu sabia que, quando chegasse a hora, eu estaria pronta. E aqui estou, concluindo esse ciclo! Ufa! Neste clima de encerramento da graduação, tenho muito a agradecer e a muitas pessoas. Algumas estiveram comigo desde o início, outras surgiram pelo caminho, mas todas foram igualmente essenciais.

O primeiro e mais importante agradecimento dedico à Deus, em segundo, à minha mãe, Cícera Marques dos Santos, e ao meu irmão, Yan Marques Serafim. Vocês são a razão e o motivo para eu continuar de pé e seguir lutando, todos os dias, pelos nossos sonhos. Minha mãe, o meu maior exemplo de resiliência e força, é a pessoa a quem devo tudo o que sou hoje. Meu irmão, é o meu parceiro de vida e meu maior incentivador. Não há palavras suficientes para expressar o tamanho do meu amor e da minha gratidão a vocês.

Agradeço aos meus familiares, à minha cunhada que tenho como irmã, tios, tias, primos e primas, de parte materna e paterna, em especial a tio Edilson, tio Wilson e tio Júnior, pelo suporte e conselhos de vida. Aos meus padrinhos, Liege e Pedro, que sempre estiveram presentes e ajudaram de todas as formas possíveis. Aos meus dois avôs, Manoel e Genilson, que me acompanham e protegem do céu. À minha avó Edite, com quem tanto me pareço e de quem tenho tanta admiração. Por último, à minha avó Benedita, que também já não está mais aqui, mas cuja memória carrego comigo, com carinho e respeito. Gratidão por tudo o que fizeram e representam em minha vida.

Aos meus amigos de Garanhuns, em especial Bianca de Melo e Davi Almeida, e pessoas queridas que torcem por mim, seja com palavras, gestos ou orações silenciosas, o meu muito obrigada. Aos professores e gestores das escolas José de Alencar, com destaque para Marluci, e Erem Dom João da Mata, representados por Jaeffson e Andrea, os meus mais sinceros agradecimentos. Foi por meio do ensino, do cuidado e da fé que vocês depositaram em mim que pude abrir portas e alcançar os lugares aonde cheguei.

Aos amigos que fiz em João Pessoa, obrigada por serem meu refúgio e apoio em tantos momentos. Em especial, agradeço a Adriano, por me acolher desde o início e ser um amigo tão presente e prestativo, ao longo desses quase três anos. Minha gratidão também a Lúcio, Lóis, Erivaldo Gabriel, Lorena, Beatriz Solano e Mary Emilly, por serem amigos tão gentis e por todos os momentos felizes e únicos que compartilhamos. Aos membros do G7, Darlon, Emily, Luiz e José Luiz, obrigada pelas risadas e companheirismo durante a rotina das aulas noturnas. Às amizades que ganhei na Líderi, especialmente Thais, Victoria, Isabelly, Yasmin, Letícia,

Jade, Maria Eduarda, Rebecca e Alba. O mundo precisa de mulheres fortes, sensíveis e necessárias como vocês.

Aos meus orientadores, Julia Rensi e Túlio Sérgio, minha gratidão profunda. Professora Julia, obrigada pela paciência, apoio incondicional e por estar sempre presente durante todo o processo. Sem dúvidas, fiz a escolha certa. Professor Túlio, obrigada por ter abraçado a minha ideia para construir este trabalho e por todas as orientações. Agradeço também aos professores do departamento de Relações Internacionais, à coordenação e servidores da UFPB. Cada um, à sua maneira, contribuiu para a minha formação, e levarei os ensinamentos de vocês para a vida inteira.

Por fim, um agradecimento à Sabine de 17 anos, que escolheu cursar Relações Internacionais, e, principalmente, à de 21, que não desistiu diante das primeiras angústias e dificuldades. Para a Sabine de 24, um lembrete de que isso é apenas o começo de muitas conquistas que estão por vir.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar as bases ideacionais que sustentaram o discurso sinofóbico dos principais atores da ala ideológica do governo Bolsonaro. A partir dessa pesquisa, busca-se contribuir para a área de estudo sobre ideias e política externa, em especial no âmbito da Política Externa Brasileira, ao demonstrar como determinados fatores ideacionais orientaram a postura dos atores do governo Bolsonaro, por meio de discursos antagônicos, gerando impactos na relação sino-brasileira. A metodologia adotada seguiu uma abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentando-se no aporte teórico da literatura de Análise de Política Externa e suporte da Análise de Conteúdo Automatizada, por meio do software NVIVO. Além disso, concentrou-se na análise empírica de discursos oficiais e publicações do X (antigo Twitter), de Ernesto Araújo e Jair Bolsonaro, no período de 2019 a 2022. Assim, os resultados da análise revelam que as narrativas hostis dos atores em relação à China seguiram um viés político-ideológico, alinhando-se a ideias anticomunistas, antiglobalistas e sinofóbicas presentes no discurso da nova direita global.

Palavras-chave: Ala ideológica; China; discurso sinofóbico; governo Bolsonaro; ideias.

ABSTRACT

The present study aimed to analyze the ideational bases that supported the sinophobic discourse of the main actors from the ideological wing of the Bolsonaro administration. This research seeks to contribute to the field of studies on ideas and foreign policy, especially within the scope of Brazilian Foreign Policy, by demonstrating how specific ideational factors guided the stance of Bolsonaro government actors through antagonistic discourse, thereby generating impacts on sino-brazilian relations. The methodology adopted followed a qualitative and interpretative approach, based on the theoretical framework of Foreign Policy Analysis literature and supported by automated content analysis using NVIVO software. In addition, it focused on the empirical analysis of official speeches and posts on X (formerly Twitter) by Ernesto Araújo and Jair Bolsonaro, between 2019 and 2022. The results of this analysis reveal that the actors' hostile narratives toward China followed a political-ideological bias, aligning with anti-communist, anti-globalist, and sinophobic ideas present in the discourse of the global new right.

Keywords: Ideological wing; China; sinophobic discourse; Bolsonaro administration; ideas.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Temas e Definição 29
Tabela 2 - Matriz de Codificação 31

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Casos por valor de atributo (Locutor x Portal) 34
Gráfico 2 - Casos por valor de atributos (Tema x Portal) 34
Gráfico 3 - Itens em cluster por similaridade de palavra 35
Gráfico 4 - Gráfico de codificação por casos (Locutor) 41
Gráfico 5 - Gráfico de codificação por casos (Portal) 42

LISTA DE SIGLAS

ACA – Análise de Conteúdo Automatizada

ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações

APE – Análise de Política Externa

BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul

EUA – Estados Unidos da América

FHC – Fernando Henrique Cardoso

MRE – Ministério das Relações Exteriores

PCC – Partido Comunista Chinês

PEB – Política Externa Brasileira

PT – Partido dos Trabalhadores

SUS – Sistema Único de Saúde

RI – Relações Internacionais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

1 FATORES IDEACIONAIS NA POLÍTICA EXTERNA 13

2 ALA IDEOLÓGICA E O DISCURSO SINOFÓBICO 20

3 METODOLOGIA 27

4 ANÁLISE EMPÍRICA E DISCUSSÃO DE RESULTADOS 33

4.1 UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DE ARAÚJO E BOLSONARO 33

4.2 DISCUSSÃO DE RESULTADOS 43

CONSIDERAÇÕES FINAIS 47

REFERÊNCIAS 49

INTRODUÇÃO

O Governo Bolsonaro (2019-2022) destacou-se por uma administração envolta em polêmicas e rupturas com estratégias tradicionais da política externa brasileira. Essa mudança foi expressa a partir de uma abordagem instável nas relações internacionais, que incluiu críticas públicas à China, historicamente um dos principais parceiros comerciais do Brasil. A partir dessa perspectiva, o fenômeno da sinofobia repercutiu na gestão, com várias declarações estereotipadas e falas problemáticas de figuras influentes do governo em relação ao país, especialmente com o surgimento da pandemia da COVID-19 (Borges; Martins; Nagal, 2024).

No entanto, essa retórica não foi adotada por todos os grupos que compunham a base de apoio do governo. Diferentes grupos apresentavam ideias e percepções distintas em torno da relação sino-brasileira, que dentre eles, destacaram-se: a ala pragmática e a ala ideológica. Enquanto a ala pragmática se preocupava com as questões econômicas e reconhecia a importância da China para a economia nacional, a ala ideológica colocava em xeque essas relações comerciais com suas posturas questionáveis (Saraiva; Silva, 2019).

Sob essa perspectiva, a administração da política externa do governo Bolsonaro adotou uma postura significativamente pró-EUA e pró-Israel em comparação aos seus predecessores (Souza; Melo; Nogueira, 2023). A ala ideológica, composta por figuras como Ernesto Araújo e Eduardo Bolsonaro, conhecida por sua proximidade com os ideais de Olavo de Carvalho, alinhava-se a princípios antiglobalistas e anticomunistas, além de se inspirar nas políticas nacionalistas de Donald Trump, especialmente em relação à China. No cenário global, a orientação anti-multilateral do governo brasileiro foi alvo de críticas, prejudicando a imagem do Brasil perante a comunidade internacional (Saraiva; Silva, 2019).

Dessa forma, o presente trabalho visa aprofundar a compreensão acerca das correntes de pensamento que permeavam esses atores, contribuindo para um entendimento mais profundo das implicações teóricas e práticas dessas ideias na condução da política externa brasileira, em torno da relação bilateral Brasil-China. Além disso, a justificativa para este estudo reside na necessidade de compreender a influência de convicções ideológicas, especialmente os conjuntos de ideias que moldaram a Política Externa do governo Bolsonaro, dado o seu potencial de afetar de forma positiva ou negativa, as relações com parceiros internacionais. Por meio disso, a principal problemática que orienta a pesquisa é a seguinte: quais foram as bases ideacionais que sustentaram o discurso sinofóbico dos principais atores da ala ideológica do governo Bolsonaro?

Assim, como forma de alcançar o objetivo geral de análise das bases ideacionais que sustentaram a narrativa sinofóbica à China, foram estabelecidos três objetivos específicos: i) Realizar um levantamento bibliográfico para identificar os atores e grupos políticos predominantes na política externa do governo Bolsonaro que eram críticos à China, investigando as suas bases ideacionais; ii) Coletar dados que contenham declarações e discursos sinofóbicos dos principais atores envolvidos; iii) Analisar como as ideias defendidas por Bolsonaro e Ernesto Araújo foram empregadas nos discursos críticos em relação à China, a partir de discursos oficiais e publicações no X.

A metodologia deste estudo emprega uma abordagem qualitativa e interpretativa, iniciando com uma revisão bibliográfica para mapear a produção acadêmica existente. Posteriormente, foi realizada uma Análise de Conteúdo Automatizada (ACA), focada na análise de discursos oficiais e publicações entre 2019 e 2022, coletados a partir das plataformas Kaggle e X. Por último, foi feita uma análise empírica a partir dos resultados obtidos.

Para isso, além da introdução e da conclusão, o trabalho é dividido em outras quatro seções. A primeira seção trata do aporte teórico que embasa a pesquisa, enquanto a segunda identifica os principais atores da política externa do governo Bolsonaro que adotaram uma postura crítica à China, destacando as ideias que sustentam suas posições. Em seguida, a terceira seção detalha a metodologia e os métodos utilizados no estudo. A quarta seção traz uma análise empírica e uma síntese geral dos resultados obtidos. Por fim, o desfecho da discussão principal da pesquisa é apresentado nas considerações finais.

1 FATORES IDEACIONAIS NA POLÍTICA EXTERNA

Esta seção dedica-se à análise dos fatores ideacionais na política externa, fundamentando-se na literatura da Análise de Política Externa (APE), com o propósito de oferecer suporte teórico ao objetivo geral da pesquisa. Os elementos ideacionais, ou fatores cognitivos — tais como ideias, crenças e percepções individuais — têm sido objeto de investigação contínua nas últimas décadas, em razão de sua relevância para a compreensão dos processos decisórios e das dinâmicas das relações internacionais. O interesse por essa abordagem intensificou-se a partir do final da década de 1950, em decorrência do crescente questionamento dos pressupostos do realismo. Conforme argumenta Alexandra de Mello e Silva (1998), esse contexto marcou o surgimento da demanda por novos métodos analíticos em política internacional, capazes de superar os limites dos paradigmas tradicionais centrados no poder militar, na segurança estatal e nos interesses nacionais. A concepção realista de um Estado unitário e racional revelava-se, assim, insuficiente para explicar a complexidade inerente aos processos de formulação de políticas (Silva, 1998, p. 142).

Como resultado, emerge um novo paradigma voltado a "abrir a caixa preta" do Estado, enfatizando a investigação das variáveis endógenas e exógenas que influenciam a formulação da política externa, o que levou o surgimento da subárea da Análise de Política Externa (Silva, 1998). Em 1954, os pioneiros da tradição cognitivista Snyder, Bruck e Sapin[1] publicaram a obra *Decision Making as an Approach to the Study of International Politics* (1954), que foi considerada um marco inaugural da subárea recém-criada. Nesta obra, os autores direcionaram seus estudos para o impacto das percepções subjetivas dos formuladores no processo decisório, ampliando a compreensão sobre a influência dessas variáveis nas escolhas políticas (Snyder; Bruck; Sapin, 1954).

De forma complementar, Mônica Herz (1994) analisa a trajetória dos estudos sobre quadros cognitivos na política externa a partir anos 1950, elencando os principais estudiosos que contribuíram para essa temática. Em sua tese, a autora apresenta diferentes vertentes e autores, dentre eles Harold e Margaret Sprout (1957) e Robert Jervis (1976), com estudos que aprofundaram a discussão sobre os fatores cognitivos e política externa.

[1] Na teoria de Snyder, Bruck e Sapin, os elementos cognitivos referem-se aos aspectos mentais e psicológicos que influenciam a formulação da política externa. Esses elementos incluem as percepções, crenças, valores e conhecimentos que os decisores políticos possuem em relação ao cenário internacional (Vieira de Jesus, 2014).

Harold Sprout e Margaret Sprout (1957) estabelecem a distinção entre ambiente operacional e ambiente psicológico, argumentando que os tomadores de decisão, ao buscarem determinados objetivos, constroem uma imagem do ambiente que, idealmente, deveria corresponder ao ambiente operacional. A partir dessa percepção, utilizam seu conhecimento ambiental de maneira racional, para formular estratégias que viabilizem a consecução dos fins desejados. Para os autores, esse processo de formulação de políticas é, em essência, deliberativo e pautado na lógica e racionalidade, ainda que admitam a possibilidade de decisões serem influenciadas por percepções distorcidas do ambiente e por raciocínios ilógicos (Sprout; Sprout, 1957, p. 322).

Robert Jervis aprofunda essa vertente em *Perceptions and Misperceptions in International Politics* (1976) ao tratar não apenas das percepções, mas também das más percepções durante o processo decisório. Nessa obra, ele oferece uma contribuição relevante para a compreensão dos vieses cognitivos que afetam a política externa. Ele concorda com Sprout e Sprout (1957), ao abordar como os tomadores de decisão tendem a interpretar informações de maneira distorcida, com base em crenças prévias, experiências passadas e limitações cognitivas, o qual ele denomina como ausência de "um alto grau de racionalidade" (Jervis, 1976, p. 28). Assim, para Jervis (1976, p. 29), é impossível compreender decisões e políticas cruciais, sem considerar as crenças dos tomadores de decisão sobre o mundo e as imagens que constroem dos demais atores.

Por sua vez, Mônica Herz (1994) contrapõe-se à visão de Sprout e Sprout (1957) e Jervis (1976) ao argumentar que, embora o modelo racional exerça um papel relevante na formulação da política externa, sua predominância, centrada na adequação de meios a fins, na ordenação de preferências e no controle de informações sobre o ambiente, tende a marginalizar a análise de variáveis culturais, igualmente importantes para compreender o comportamento dos tomadores de decisão.

Nesse contexto, observa-se que os fatores cognitivos passaram a ser incorporados como variáveis adicionais nas análises de política externa, ampliando os debates sobre os elementos que influenciam o processo de tomada de decisão e formulação de políticas, como nos estudos de Snyder, Bruck e Sapin (1954), Harold e Margaret Sprout (1957) e Robert Jervis (1976). Em adição, Herz (1994) contribui para a discussão ao questionar a predominância do modelo de escolha racional e defender a importância de uma abordagem mais ampla, que incorpore também fatores culturais, dada a sua capacidade de moldar percepções e comportamentos, os quais são fundamentais para uma análise mais concreta.

Na literatura, os fatores cognitivos são designados pelos estudiosos através de diferentes termos, como ideias, crenças, valores, percepções subjetivas, entre outros. No entanto, para fins desta pesquisa, esses elementos serão associados especificamente as ideias ou fatores ideacionais.

Goldstein e Keohane (1993) são referências na literatura internacional ao explorar a influência das ideias na política internacional sob uma perspectiva neoliberal. Na obra *Ideas and Foreign Policy: Beliefs, Institutions and Political Change*, os autores seguem o modelo tradicional da escolha racional e sugerem que as ideias, definidas por eles como crenças guardadas por um indivíduo, desempenham um papel importante nas decisões políticas, enriquecendo a análise e tornando-a mais complexa e realista (Goldstein; Keohane, 1993).

Por meio disso, os autores sugerem três vias causais pelas quais as ideias podem influenciar os resultados das políticas: 1. Como roteiros, orientando os atores com vínculos causais claros ou princípios normativos; 2. Como pontos focais, facilitando ou dificultando interações estratégicas para resultados mais eficientes em situações de incerteza; 3. Quando incorporadas em instituições, moldando regras e práticas com impacto duradouro (Goldstein; Keohane, 1993, p. 12). Neste último, os autores ressaltam que o papel das ideias é frequentemente impulsionado mais pelos interesses e pelo poder de seus defensores, do que pela sua adoção inicial. Embora não se concentrem na origem desses elementos de forma específica, os autores enfatizam que o foco está no impacto de crenças amplamente compartilhadas têm sobre a ação humana, influenciando de forma significativa as decisões coletivas em nível macro.

Albert S. Yee (1996) em *The Causal Effects of Ideas on Policies*, foca na relação entre ideias e formulação de políticas, abordando as complexidades e críticas sobre a causalidade entre esses elementos. O autor argumenta que tanto o neorrealismo quanto a teoria dos jogos são insuficientes para lidar com a complexidade cognitiva inerente ao processo de tomada de decisão, o que reacende o interesse nos fatores ideacionais nesse contexto.

Em concordância com Goldstein e Keohane (1993), Yee (1996) destaca que as instituições desempenham um papel central na influência duradoura das ideias sobre a política, uma vez que o impacto contínuo dessas ideias depende da autoridade burocrática e política. Para ele, a estrutura do sistema político afeta diretamente a incorporação das ideias, ao facilitar ou limitar o acesso de grupos sociais, líderes políticos e funcionários burocráticos.

Jeffrey T. Checkel (1997) em *Ideas and International Political Change: Soviet/Russian Behavior and the End of the Cold War*, busca enriquecer o debate ao investigar os processos pelos quais novas ideias são incorporadas à política e como essas podem redefinir os interesses

de um Estado, especialmente no contexto da Guerra Fria e do comportamento da União Soviética. Neste estudo, o autor adota como variável dependente as preferências de política externa das elites políticas centrais (chefes de burocracias governamentais e tomadores de decisão de alto nível), os quais ele aponta como presidentes, primeiros-ministros ou secretários-gerais, a depender do sistema político e constitucional. Assim, ele destaca duas variáveis causais: ideias, como crenças fundamentais que orientam a política, e instituições, entendidas como organizações e parâmetros históricos que moldam decisões em política externa (Checkel, 1997).

A partir disso, Jeffrey (1997) tende a investigar as condições sob quais novas ideias são mais propensas a alcançar as elites políticas centrais. Para tanto, parte do pressuposto racionalista de que os tomadores de decisão e suas preferências, desempenham um papel fundamental na definição dos interesses do Estado e reconhece que as elites frequentemente respondem a estímulos externos no processo de definição de tais interesses. Contudo, o autor também destaca que limitar essa dinâmica a pressupostos de racionalidade e à atuação de um Estado unitário, pode negligenciar os múltiplos fatores domésticos envolvidos. Em resposta, propõe que mudanças internacionais criam janelas de oportunidade ao gerar crises ou incertezas que desestabilizam visões estabelecidas e abrem espaço para novas ideias (Checkel, 1997).

Por sua vez, Daniel W. Drezner (2000) em seu artigo *Ideas, Bureaucratic Politics, and the Crafting of Foreign Policy*, apresenta a sua análise sobre como instituições infundidas com ideias ou "missionárias", conseguem prosperar dentro de um ambiente com diversas políticas burocráticas. O autor argumenta que ideias poderosas podem gerar um conjunto coeso de crenças, alinhando as preferências de chefes de agências e operadores. Logo, quando esses elementos são internalizados pelos operadores, suas preferências tendem a convergir com as dos chefes, reduzindo a necessidade de supervisão constante.

Com base nos autores mencionados acima, há um consenso de que as ideias exercem uma função significativa na política internacional, especialmente quando integradas ao ambiente institucional. Nessas condições, as ideias não apenas influenciam, mas também se tornam mais persistentes e eficazes, pois passam a moldar regras e práticas de maneira duradoura. Além disso, essas ideias frequentemente refletem crenças e interesses pessoais que orientam as decisões dos líderes políticos. No entanto, sua continuidade e impacto dependem da autoridade política, da capacidade organizacional dos líderes e da habilidade das instituições em sustentá-las.

Essa abordagem teórica encontra eco no contexto da política externa brasileira, no qual Mesquita (2011), explora a relevância das ideias na política externa dos governos de Fernando

Collor, Fernando Henrique Cardoso e Lula, evidenciando como diferentes fatores ideacionais moldaram as estratégias diplomáticas e a formulação de políticas públicas.

Por meio disso, ao autor sugere que o governo Collor rompeu com o paradigma desenvolvimentista, ao adotar o neoliberalismo como base da gestão estatal. No governo FHC, as ideias neoliberais, em associação com a social-democracia e a globalização, orientaram a política externa do governo. Por sua vez, no governo Lula, a PEB ganhou um viés mais voltado para a agenda social, tornando esse aspecto um dos principais pilares da diplomacia brasileira (Mesquita, 2011).

Baseando-se no modelo de Peter A. Hall (1989), Mesquita (2011) ainda destaca que os formuladores de política externa estão profundamente ligados aos seus interesses e ao contexto socioeconômico em que estão inseridos. De forma semelhante à abordagem de Goldstein e Keohane (1993), Albert S. Yee (1996), Jeffrey T. Checkel (1997) e Daniel W. Drezner (2000), o modelo de Hall (1989), sugere que as ideias não atuam de forma independente de seus formuladores. Logo, quando esses agentes alcançam posições de decisão institucional, utilizam-se de mecanismos estruturais para consolidar suas ideias, convertendo-as em políticas concretas (Mesquita, 2011).

Essa dinâmica pode ser observada na política externa do governo Bolsonaro, particularmente na atuação do ex-chanceler Ernesto Araújo, o qual em um artigo publicado em 2017, exalta a figura do então presidente dos EUA como um defensor de um Ocidente ameaçado de forma política, econômica e culturalmente. Araújo descreveu o "Ocidente político" como um "território de espírito", fundamentado em ideias e crenças históricas, mas que estava em declínio devido à perda de identidade cultural (Araújo, 2017). Essa visão dialoga com a análise de Yee (1996), que aponta como líderes políticos mobilizam apoio ao alinhar suas ideias a ideologias preexistentes e ao utilizar apelos simbólicos que ressoam com crenças amplamente compartilhadas.

De modo geral, ao alinhar-se com as ideias e posições do governo de Donald Trump, o governo Bolsonaro acreditava que essa aproximação com os EUA traria vantagens significativas, atendendo aos interesses nacionais e, ao mesmo tempo, satisfazendo crenças e interesses próprios da ala ideológica. Os atores tinham a expectativa de que, ao estreitar laços com os EUA, especialmente no contexto de ascensão de regimes conservadores, poderia fortalecer sua posição internacional. Durante uma visita aos Estados Unidos, Ernesto Araújo afirmou que as ideias, mais do que a economia ou o poder militar, moldariam a estrutura do poder global. Para ele, uma economia liberal, fundamentada em valores conservadores, representava a principal esperança para a prosperidade nacional (Saraiva; Silva, 2019).

Durante a pandemia da COVID-19, o alinhamento entre os governos de Jair Bolsonaro e Donald Trump tornou-se ainda mais evidente. Inicialmente, Donald adotou uma postura institucional, enfatizando a importância da cooperação com a China no enfrentamento do vírus. Entretanto, após fechar as fronteiras para viajantes chineses em fevereiro de 2020, o presidente estadunidense rapidamente retomou o discurso de acusação para a China, que passou a ser um ponto central em suas declarações públicas sobre a pandemia. Tais narrativas foram amplamente ecoadas por outros líderes nacionais alinhados ao Trump, incluindo Bolsonaro e atores da ala ideológica (Horton, 2020).

Segundo Guimarães (2023), historicamente as narrativas ocidentais, especialmente durante a Guerra Fria, apresentavam a China como um regime comunista autoritário. Apesar dos avanços chineses, países como os Estados Unidos continuam a revisitar esse passado para questionar sua legitimidade, algo intensificado no governo Trump. Além disso, em seu artigo *Fake News* e ameaça comunista no Brasil: o discurso contra justiça social (1964-2018), a autor argumenta que há um alinhamento estratégico entre a construção de uma ameaça comunista e a oposição a políticas voltadas para a justiça social no Brasil, que compreende o período da ditadura militar em 1964 e a eleição de Bolsonaro em 2018. Logo, a construção da "ameaça comunista" no país, reforçada pelas *Fake News*, ampliaram o termo para abarcar qualquer posição de esquerda ou proposta de redistribuição econômica, transformando o comunismo em uma ameaça simbólica ao vinculá-las a um imaginário negativo.

Sobretudo, percebe-se que a identificação de atores do governo com as crenças e percepções de Donald Trump, tem um forte embasamento em ideais conservadores e do neopentecostalismo[2], que fornecem orientações à suas visões sobre o sistema internacional (Campos; Santos, 2022). Nesse contexto em que o Ocidente é visto como uma entidade unificada pela história cristã, cuja identidade estaria sob ameaça, nota-se o compartilhamento de valores comuns entre ambos os governos.

Em suma, nota-se a tendência dos agentes do governo Bolsonaro em replicar as ideias e postura política do governo Donald Trump, especialmente na formulação de uma retórica crítica e adversa à China. Nesse sentido, Goldstein e Keohane (1993) enfatizam a relevância de investigar as origens das ideias e crenças que orientam decisões políticas, enquanto Cervo

[2] O neopentecostalismo caracteriza-se pela ênfase em práticas religiosas como o uso da fé para alcançar prosperidade material e cura divina, além do combate a influências espirituais negativas. As igrejas neopentecostais adotam uma interpretação mais flexível da Bíblia e utilizam meios de comunicação modernos para a expansão de sua mensagem, como a televisão e redes sociais. No Brasil, igrejas como a Universal do Reino de Deus são exemplos desse movimento (Campos; Santos, 2022).

(2008) aponta para a importância de explorar as conexões entre governos, partidos e ideologias, e como essas variáveis impactam diretamente a formulação da política externa.

Dessa forma, este estudo busca promover uma contribuição à literatura a partir da investigação dos fatores ideacionais na política externa, com ênfase especial na PEB, por meio da análise empírica dos discursos ideológicos e xenofóbicos direcionados à China, durante o governo Bolsonaro. Fundamentado a partir da literatura de Análise de Política Externa (APE), o método adotado se distingue pelo foco na identificação dos atores envolvidos e análise de seus discursos, de modo a compreender como o conjunto de ideias defendidos pelos agentes foi utilizado na construção da narrativa hostil. Na próxima seção, serão elencados os principais responsáveis pela propagação dessa narrativa.

2 ALA IDEOLÓGICA E O DISCURSO SINOFÓBICO

Nesta seção, foi realizado um levantamento bibliográfico com o objetivo de identificar os principais atores que desempenharam papéis de destaque na política externa do governo Bolsonaro, no que tange a adoção de uma postura crítica em relação à China, destacando as ideias que fundamentam suas posições. De início, realizou-se uma contextualização das características do governo Bolsonaro e a intensificação dos discursos sinofóbicos com a chegada da pandemia da COVID-19, e em seguida, serão apresentados os principais responsáveis pela disseminação dessas narrativas.

Como resultado da crise política que se intensificou no Brasil após os protestos de 2013, agravada pelos desdobramentos da Operação Lava Jato e pelo impeachment de Dilma Rousseff (2011-2016), Miranda (2021) aponta que o sistema político doméstico ficou profundamente abalado. Esse contexto criou oportunidades para Jair Bolsonaro se posicionar como um outsider, alguém "diferente de tudo que está aí", respondendo às demandas populares por combate à corrupção e rejeição à “velha política” (Miranda, 2021). Assim, Bolsonaro, principal representante da extrema direita no Brasil, declarou em um de seus discursos de posse o objetivo de “libertar o povo brasileiro do socialismo”:

> É com humildade e honra que me dirijo a todos vocês como presidente do Brasil e me coloco diante de toda a nação neste dia, como um momento em que o povo começou a se libertar do socialismo, se libertar da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto (Bolsonaro, 2019).

Segundo Miguel (2018), o governo Bolsonaro teve como pilares três eixos políticos principais: o libertarianismo, o fundamentalismo religioso e a reciclagem do antigo anticomunismo. De acordo com o autor, o primeiro eixo está associado à “escola econômica austríaca”, que valoriza princípios ultraliberais e promove a ideia de um Estado mínimo. Essa corrente baseia-se no dogma da inviolabilidade dos contratos “livremente” firmados, reduzindo todos os direitos ao direito de propriedade e rejeitando qualquer forma de solidariedade social ou intervenção estatal. O segundo está associado à crescente influência das igrejas neopentecostais desde a década de 1990, cuja expansão também está conectada ao aumento significativo do poder econômico e midiático dos líderes religiosos das principais congregações evangélicas no Brasil. O fundamentalismo que emerge desse contexto baseia-se na ideia de uma verdade absoluta e revelada, que descarta qualquer possibilidade de diálogo ou debate. O

terceiro eixo, por sua vez, faz a associação do “petismo”, expressão vinculada ao Partido dos Trabalhadores (PT), que governou o Brasil de 2003 a 2016, ao comunismo, como estratégia de construção da imagem de um inimigo da democracia que deve ser fortemente combatido, construída durante o período da Guerra Fria (1947-1991) e Ditadura Militar Brasileira (1964-1985).

Entretanto, esse último pilar também serviu de base para a construção de uma retórica de ódio e a identificação de um inimigo externo: a China. Durante o primeiro ano de governo, os discursos sobre a China se mostraram relativamente moderados. Em certos momentos, Bolsonaro buscou preservar um clima favorável nas relações bilaterais, incluindo visitas do então vice-presidente Mourão e do próprio presidente ao país em 2019, com o objetivo de “refundar as relações com a China” e enfatizou o presidente de que o Brasil “nunca seria 100% afinado com a China, mas na questão econômica estavam fortes” (Fernandes, 2019).

Contudo, a literatura apresenta que com o advento da pandemia da COVID-19 em 2020, os discursos contra a China apareceram de forma mais frequente e direta. Neste período, o presidente Jair Bolsonaro e seus representantes alinharam-se aos posicionamentos ideológicos do presidente estadunidense e, de forma contraditória, reproduziram os discursos conspiratórios e xenofóbicos sobre a origem do novo coronavírus, responsabilizando diretamente a China (Morais; Piris, 2023). Assim, a primeira publicação do presidente americano chamando o coronavírus de “vírus chinês” deu início a uma onda no meio político, que se tornaria um dos principais fatores para a intensificação da crise internacional durante a pandemia (Stumpf; Volcan; Soares, 2023).

O fortalecimento da retórica anti-China, está inserido em um contexto mais amplo de sinofobia, entendido como o preconceito contra as comunidades chinesas (He *et al*., 2021; Zhang, 2021). O fenômeno tem sido amplamente debatido na literatura acadêmica, especialmente no que se refere à construção do antagonismo entre o Ocidente e o Oriente. Autores nacionais têm explorado acerca do tema, frequentemente recorrendo às contribuições de Edward W. Said sobre o Orientalismo.

Com base em Said (2003), o Orientalismo é um estilo de pensamento que estabelece distinções ontológicas e epistemológicas entre o "Oriente" e o "Ocidente", configurando-se como um discurso cultural e ideológico sustentado por instituições, vocabulário e doutrinas coloniais. Essa construção do Oriente como um “outro”, distinto do Ocidente, perpetua-se pela reprodução de narrativas previamente estabelecidas pelo próprio Ocidente, sem demonstrar interesse genuíno em compreender a história e a cultura do "outro". Essa lógica também se manifesta na América Latina, onde, segundo Véras (2023), a forte influência de matrizes

culturais europeias contribui para um senso de autodepreciação e inadequação, reforçando a hierarquização cultural e a dependência de referenciais externos.

Ademais, o impacto desse imaginário estereotipado sobre a China pode ser observado ao longo da história, especialmente na indústria cultural ocidental. No início do século XX, o personagem ficcional Dr. Fu Manchu foi adaptado para o cinema, rádio e televisão, que representava um arquétipo de "gênio do crime". Interpretado pelo ator britânico Boris Karlof em 1932, o personagem ajudou a moldar um imaginário sobre a China e sua população, disseminando, por meio da ficção, o temor ocidental de que o crescimento das nações leste-asiáticas ameaçaria a dominação da cultura ocidental (Araújo, 2022). Para Araújo (2022), à medida que a China se desenvolveu e de certa forma desafiou a hegemonia estadunidense a partir do seu robusto crescimento econômico, as narrativas sobre esse "agente externo" foram adquirindo nuances mais extremas.

Nesse sentido, a política externa do governo Bolsonaro foi fortemente influenciada por essa retórica sinofóbica. Entre os principais expoentes desse tipo de posicionamento destacam-se, em sua maioria, os atores da ala ideológica, como o deputado Eduardo Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro, o ex-chanceler Ernesto Araújo, o ex-ministro da Educação Abraham Weintraub, o próprio ex-presidente Jair Bolsonaro e o ideólogo de extrema-direita Olavo de Carvalho, cujas ideias exerceram grande influência no governo (Saraiva; Silva, 2019).

O artigo "A Culpa é da China" publicado em 2021, apresenta um compilado das declarações sinofóbicas feitas por integrantes do governo entre março e outubro de 2020, organizando-as em ordem cronológica (Quinan; Araujo; Albuquerque, 2021). Segundo o artigo, o primeiro ataque conspiratório partiu do deputado Eduardo Bolsonaro, em 18 de março de 2020, por meio de uma série de *tweets* sinofóbicos, em que comparou o episódio com o coronavírus ao desastre de Chernobyl:

> Quem assistiu Chernobyl vai entender o que ocorreu. Substitua a usina nuclear pelo coronavírus e a ditadura soviética pela chinesa. Mais uma vez, uma ditadura preferiu esconder algo grave a expor, tendo desgaste, mas que salvaria inúmeras vidas. A culpa é da China e a liberdade é a solução (Bolsonaro, 2020, online).[3]

Outro representante da ala bolsonarista e principal mentor do governo, Olavo de Carvalho, também fez ataques agressivos à China. Em 20 de março de 2020, Olavo também participou do discurso de ódio ao descrever o governo chinês como "genocida e diabólico",

[3] Publicação de Eduardo Bolsonaro no X: https://x.com/BolsonaroSP/status/1240286560953815040.

além de ofender brasileiros que defendiam os chineses (Quinan; Araujo; Albuquerque, 2021). Já em 6 de abril de 2020, foi a vez do então ministro da Educação, Abraham Weintraub, a fazer o ataque mais abertamente racista à China. Na publicação já excluída, ele utilizou uma imagem da maior revista em quadrinhos nacional, a Turma da Mônica, e se expressou como um dos personagens do desenho que troca a letra R pela letra L, acusando o país de buscar sair "fortalecido" da pandemia (Quinan; Araujo; Albuquerque, 2021). A seguir:

> Geopoliticamente, quem podeLá saiL FoLtalecido, em TeLmos Lelativos, dessa cLise mundial? PodeLia seL o Cebolinha? Quem são os aliados do BLasil do plano infalível do Cebolinha paLa dominaL o mundo? SeLia o Cascão ou há mais amiguinhos? (G1, 2020).

Com base em Stumpf, Volcan e Soares (2023), além dos ataques diretamente citados à China, opositores políticos também sofreram ataques de políticos e apoiadores do governo Bolsonaro. Esse foi o caso do ex-presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, e do ex-governador de São Paulo, João Dória, nos quais ambos foram apontados como aliados do governo chinês e ridicularizados nas mídias sociais por supostamente se curvarem ao Partido Comunista. Os autores ainda enfatizam que tais discursos, englobam as preocupações com o domínio econômico da China, ameaças à segurança nacional do Brasil e influências culturais negativas, principalmente no que se refere ao cristianismo ocidental e ao comunismo. Este fato está relacionado à chamada "ameaça globalista", conceito que sugere a existência de um plano de domínio mundial que resultaria no enfraquecimento dos Estados-nação e na erosão de seus valores nacionais e civilizacionais, o qual Ernesto Araújo (2017) destaca em seus escritos. Na visão de Araújo, o globalismo é "entendido como os padrões liberais antinacionais e antitradicionais na vida social e do mercado globalizado sem fronteiras na vida econômica" (Araújo, 2017, p. 353).

Ademais, o ex-chanceler publicou, em 22 de abril de 2020, um artigo intitulado "Chegou o Comunavírus", como resposta às declarações do filósofo Slavoj Žižek sobre a pandemia, no qual alegava que a crise sanitária seria parte de um "projeto globalista" (Miranda, 2021). Da mesma forma, em 23 de outubro de 2020, o ex-presidente Jair Bolsonaro iniciou uma campanha pública de deslegitimação da vacina chinesa, desenvolvida pela empresa Sinovac, destacando que não compraria a vacina devido a suspeitas de que a China seria responsável pela pandemia. A seguir:

> A da China nós não compraremos, é decisão minha. Eu não acredito que ela transmita segurança suficiente para a população. Esse é o pensamento nosso. Tenho certeza de

> que outras vacinas que estão em estudo poderão ser comprovadas cientificamente, não sei quando, pode durar anos. [...] A China, lamentavelmente, já existe um descrédito muito grande por parte da população, até porque, como muitos dizem, esse vírus teria nascido por lá (O Globo, 2020).

Ao propagar a equivocada ideia de que a vacina chinesa não ofereceria a segurança necessária à população, Bolsonaro utilizou a retórica do *made in China*, que associa os produtos manufaturados chineses a preços baixos para os consumidores e, por conseguinte, a uma qualidade supostamente duvidosa (Quinan; Araujo; Albuquerque, 2021).

De maneira complementar, observa-se que o discurso sinofóbico ecoado por Bolsonaro e seus apoiadores, esteve frequentemente associado a discursos conspiratórios. Rocha (2021) caracteriza esse fenômeno como "bolsolavismo", fusão entre o bolsonarismo e o “olavismo”, definido como um “poderoso sistema de crenças, dotado de coerência interna paranóica, tornando-o praticamente imune ao princípio de realidade” (Rocha, 2021, s.p.).

Sob essa perspectiva, a literatura destaca que analisar as bases do pensamento de Olavo de Carvalho é essencial para compreender sua influência acerca do governo Bolsonaro e do discurso anticomunista. De acordo com Rocha (2021), a ascensão da direita não é compreensível sem a ação positiva de Olavo na década de 1990, e Miranda (2021) reforça que compreender a figura de Carvalho e o fenômeno olavista, é de suma importância para o entendimento do bolsonarismo e das novas direitas brasileiras.

Na década de 1990, Olavo de Carvalho ganhou notoriedade ao lançar obras voltadas ao combate à esquerda, como “A Nova Era e a Revolução Cultural” (1994) e “O Imbecil Coletivo” (1996). Nos anos 2000, consolidou sua influência por meio de cursos online, vídeos no YouTube e publicações como “O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota” (2013) (Miranda, 2021). Expandindo sua presença digital, criou o site Mídia Sem Máscara (2002), o podcast *True Outspeak* (2006) e um curso online de filosofia (2009), que atraiu figuras da ala ideológica e da nova direita, como o próprio Eduardo Bolsonaro e Abraham Weintraub, e, outras figuras como Filipe Martins, assessor da Presidência para Assuntos Internacionais; e Adolfo Sachsida, secretário de Política Econômica do Ministério da Economia, por exemplo (Miranda, 2021). Segundo Miranda (2011), apesar de não ter formação acadêmica em Filosofia, Olavo se autodenominava filósofo, afirmando que seu objetivo era formar novos pensadores nesse campo.

Para Rocha (2021, s.p.), as ideias de Olavo são expressas em uma “série de clichês” que sintetizam os princípios da nova direita no debate público. Entre eles, destacam-se a negação

do racismo, a exaltação do Velho Testamento, críticas ao comunismo, ataques ao feminismo, denúncias de doutrinação escolar e a celebração do empreendedorismo. O autor ainda aponta que a agressividade sempre foi uma característica marcante de Olavo de Carvalho desde sua entrada no universo das redes sociais:

> A difusão de uma linguagem própria e vagamente conceitual; a disseminação da retórica do ódio como forma de desqualificar adversários; o palavrão como argumento de autoridade; a reconstrução revisionista da história da ditadura militar; a identificação do comunismo como inimigo eterno a ser eliminado uma e outra vez (e sempre de novo); a presunção de uma ideia bolorenta de alta cultura; a curiosa pretensão filosofante; a divertida veneração pelo estudo de um latim sem declinações e pelo desconhecimento metódico de um grego, grego de fato; a elaboração de labirínticas teorias conspiratórias de dominação planetária; a adesão iniciática a um conjunto de valores incoerentes; a utilização metódica da verve bocagiana, aqui reduzida a três ou quatro palavrões e a dois verbos — bem entendido: ir e tomar (ROCHA, 2021, s.p.).

Dessa maneira, conforme argumenta Rocha (2021), as ideias de Olavo de Carvalho reforçam a noção de um inimigo a ser combatido, com o comunismo sendo identificado como um mal central. Esse discurso espelha a retórica de ódio promovida por líderes da nova direita, especialmente no contexto da crise sanitária causada pela COVID-19. Logo, a pandemia serviu como pano de fundo para amplificar essa retórica, com a China sendo responsabilizada tanto pela disseminação do vírus quanto pela associação ao regime comunista, fortalecendo narrativas de polarização e culpabilização ideológica. Além disso, a utilização de termos pejorativos e linguagem de baixo calão também são características comuns entre Olavo de Carvalho, o presidente e seus filhos.

A narrativa antagonista promovida pela direita, ganha força na segunda década do século XXI, o qual Cas Mudde (2019) descreve como a "quarta onda de ascensão da ultradireita". Este fenômeno se caracteriza pela integração e normalização de lideranças, movimentos e ideologias radicais na política convencional, representando uma ruptura histórica, já que, por décadas, a ultradireita esteve à margem das democracias liberais. Tal mudança pode ser observada em casos como o do Brasil, com a ascensão de Jair Bolsonaro, e em democracias consolidadas, como os Estados Unidos sob Donald Trump, além de França e Reino Unido, onde discursos e práticas radicais ganharam espaço no cenário político tradicional (Mudde, 2019).

Dentro desse contexto, de acordo com Nobre, Pini e Menezes (2023), Bolsonaro também é identificado como um político de ultradireita, devido à sua plataforma política associada a pautas racistas, xenófobas, misóginas e autoritárias. Ainda, o anticomunismo e o anticientificismo destacaram-se como pilares da política externa do governo e discurso anti-China. O anticomunismo foi instrumentalizado para atrair eleitores religiosos e de ultradireita, com ataques frequentes tanto ao PT quanto à China, como símbolo do regime comunista e alertas sobre uma suposta tentativa de implementar o comunismo no Brasil. Por outro lado, o anticientificismo, característico da ultradireita, ficou evidente durante a pandemia de COVID-19, com discursos e políticas negacionistas promovidas pelo governo (Nobre; Pini; Menezes, 2023).

Não obstante, Bolsonaro reforçou discursos conspiratórios sobre a origem do vírus, como em janeiro de 2020, quando sugeriu que a pandemia poderia ter sido fabricada (Brito, 2021). Paralelamente, Olavo de Carvalho, em um vídeo removido pelo YouTube, declarou que o coronavírus era "a mais vasta manipulação de opinião pública da história", de acordo com o jornal digital Poder360. Ambos também defenderam o uso do “kit Covid”, composto por medicamentos como hidroxicloroquina e ivermectina, cuja ineficácia foi amplamente comprovada por estudos clínicos (Miranda, 2021).

A partir disso, é notório que a retórica do discurso anti-China revela raízes históricas de manipulação discursiva, sustentadas por princípios ideológicos ocidentais e intensificadas por líderes e atores da nova direita, a partir de posicionamentos anticomunistas, antiglobalistas e negacionistas. Como observado anteriormente, na maioria das vezes, essas ideias foram disseminadas de maneira conspiratória e sem embasamento científico. No Brasil, tais discursos se intensificaram durante a pandemia da COVID-19, propagados por representantes da ala ideológica do governo Bolsonaro, que mimetizaram as narrativas do governo estadunidense, agravando os conflitos com a China e deteriorando a imagem nacional no cenário internacional. Logo, ao adotar uma postura de subserviência aos Estados Unidos, o Brasil não apenas compromete sua soberania, mas também se alinha a uma onda de xenofobia, cujas consequências, segundo Véras (2023), prejudicam tanto a economia nacional quanto a segurança de cidadãos asiáticos residentes no país.

3 METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, utilizando o aporte da literatura de Análise de Política Externa (APE), que compõe a estrutura de seu embasamento teórico. O objetivo da pesquisa é analisar quais são as bases ideacionais que sustentaram o discurso sinofóbico dos principais atores da ala ideológica do governo Bolsonaro, sendo eles Ernesto Araújo e Jair Bolsonaro. A análise utilizou do suporte da Análise de Conteúdo Automatizada (ACA) através do software NVIVO, para processar, codificar e examinar discursos oficiais e publicações no X, de ambos os atores, entre 2019 e 2022. O método consistiu em três etapas, seguindo os três objetivos específicos da pesquisa: i) Realizar um levantamento bibliográfico para identificar os atores e grupos políticos predominantes na política externa do governo Bolsonaro que eram críticos à China, investigando as suas bases ideacionais; ii) Coletar e analisar dados que contenham declarações e discursos sinofóbicos dos principais atores envolvidos; iii) Analisar como as ideias defendidas por Bolsonaro e Ernesto Araújo foram empregadas nos discursos críticos em relação à China, a partir de discursos oficiais e publicações no X.

A primeira etapa consistiu no levantamento bibliográfico do aporte teórico da pesquisa, abrangendo a literatura em inglês e português, referentes a área de Análise de Política Externa (APE), por meio das bases de dados SciELO e Google Acadêmico. A busca foi realizada a partir dos termos: “Ideias e política externa”, “Ideias na política externa brasileira” e “Ideas and foreign policy”, com o intuito de construir o embasamento teórico do estudo. Por meio disso, observou-se uma limitação na literatura nacional no que se refere à estudos acadêmicos que tratam sobre o fator das ideias e política externa brasileira.

Além disso, a etapa de levantamento também buscou identificar como a literatura existente caracteriza os atores do governo que se posicionaram de forma crítica em relação à China, investigando o conjunto de ideias defendidas por cada um. Para a busca, foram utilizados os termos: “Discursos sinofóbicos”, “Ala ideológica”, “Anti-China”, “Ideologia”, “Pragmatismo”, “Política externa de Bolsonaro” e “Relações Brasil-China no governo Bolsonaro”, a fim de mapear os atores e ideias presentes na literatura acadêmica.

A segunda etapa da pesquisa concentrou-se na coleta de dados de discurso que continham menções críticas à China, proferidas pelos principais atores do governo. Com base na identificação desses atores na primeira etapa, foi realizado um mapeamento das plataformas onde tais discursos poderiam ser encontrados, bem como a definição das palavras-chave mais relevantes para a busca. Inicialmente, foram selecionados os seguintes atores: Olavo de

Carvalho, Abraham Weintraub, Filipe Martins, Eduardo Bolsonaro, Ernesto Araújo e Jair Bolsonaro. Em relação aos discursos, foram selecionados com base nas categorias: discursos oficiais e publicações nos sites de redes sociais.

A escolha da plataforma X, como umas das fontes, justifica-se pelo seu amplo alcance global e alta taxa de engajamento, que a tornam um meio eficaz para a disseminação de informações, além do seu histórico de debates de interesse público, os quais reforçam a sua relevância em pesquisas de cunho acadêmico (Oliveira, 2020; Cordeiro, 2022). Para os discursos oficiais, optou-se por utilizá-los como método de comparação entre os dois tipos de discurso, com o objetivo de analisar possíveis diferenças estratégicas argumentativas ou concentração de determinadas ideias, em ambos os meios de comunicação.

Contudo, no que se refere à coleta de dados de discurso no X, identificou-se uma limitação técnica devido às restrições recentes da plataforma à raspagem automatizada de dados. Embora existam ferramentas capazes de contornar essa limitação, seu alto custo inviabilizou o uso na pesquisa. Diante desse obstáculo, optou-se por reduzir o número de atores analisados, mantendo apenas Jair Bolsonaro e Ernesto Araújo.

A coleta de publicações no X foi realizada por meio da combinação entre raspagem manual e o uso da extensão do Google Chrome *X Twitter Scraper*, abrangendo o período de 1 de agosto de 2018 a 31 de dezembro de 2022. Esse recorte temporal, da pré-campanha presidencial até o final do mandato, deve-se à maior repercussão midiática entre o período e à presença de discursos relevantes identificados na literatura. A coleta de dados manual foi utilizada como complemento, para garantir a integridade e verificabilidade dos dados.

Por sua vez, os discursos oficiais foram obtidos a partir da base de dados aberta da plataforma Kaggle, que compila os discursos de presidentes civis desde a redemocratização[4], incluindo Jair Bolsonaro, e dos ex-ministros das Relações Exteriores do governo, como Ernesto Araújo e Carlos França. Os autores da base de dados são: o professor e doutor Pascoal Teófilo Carvalho Gonçalves, e os alunos graduados em RI, Carla Suzana Gomes Meira e Romberg de Sá Gondim, da Universidade Federal da Paraíba.

A partir disso, os dados foram filtrados utilizando o software R Studio[5] e os mecanismos de busca do Excel, com base nas palavras-chave previamente selecionadas. A seleção de publicações foi baseada nas palavras-chave: “China”, “Comunavírus”, “Chinês”, “China Comunista”, “Partido Comunista da China”, “5G” e “Huawei”. Para os discursos oficiais, foram

[4] DOI da base de dados: https://doi.org/10.34740/KAGGLE/DS/5566939.
[5] Programa para análise estatística, gratuito, versão 2024.12.1+563.

incluídos os mesmos termos, com adição de "Chineses". Após a filtragem, os dados foram organizados em uma planilha para facilitar a sua visualização.

Na terceira etapa, foi utilizado o software NVIVO[6] versão 15, como meio para a realização da análise de dados, através do período de teste gratuito de 14 dias fornecido pelo programa. Para a análise no NVIVO, os discursos e postagens foram organizados em categorias, possibilitando o reconhecimento e processamento dos arquivos no programa. Os casos (arquivos individuais dos discursos oficiais e publicações) foram alocados em quatro atributos principais: locutor, data, tema e portal. O atributo locutor refere-se ao emissor da mensagem; data, ao dia em que a mensagem foi proferida; tema, ao assunto principal abordado; e portal, à diferenciação entre discursos oficiais e publicações no X.

A partir disso, os temas foram selecionados e organizados em seis áreas: política externa, pandemia, economia, parceria estratégica, diplomacia e comércio. O critério de seleção baseou-se na categorização de cada caso conforme sua área temática central, estabelecendo a relação entre a palavra-chave e o contexto de cada um dos casos, conforme organizadas na Tabela 1:

Tabela 1 - Temas e Definição

Temas	**Definição**
Comércio	Refere-se aos discursos (casos) que tratam das relações comerciais bilaterais entre Brasil e China ou multilaterais, envolvendo outros países, como os BRICS. Inclui menções à exportação e importação de produtos, bem como a acordos comerciais.
Diplomacia	Refere-se aos discursos (casos) que refletem cordialidade entre os países e o interesse em ampliar suas relações.
Economia	Trata-se dos discursos (casos) que abordam os impactos econômicos para o Brasil diante de medidas ou acordos comerciais bilaterais, bem como a comparação do desenvolvimento econômico do país com a China e outras nações. Exemplos incluem o aumento dos preços dos produtos chineses e suas consequências para o Brasil, menções à dependência econômica do Brasil em

[6] O software é utilizado como suporte para a análise de dados qualitativos. Sua principal limitação é o fato de ser pago, exigindo a aquisição de uma licença para acesso completo aos seus recursos. No entanto, ele oferece um período de teste gratuito de 14 dias, permitindo a realização de testes e a exploração de algumas funcionalidades (Andrade *et al*., 2020).

	relação à China e os efeitos positivos de acordos bilaterais para a economia brasileira, incluindo a atração de investimentos externos.
Pandemia	Essa categoria abrange os discursos (casos) relacionados à crise sanitária da COVID-19 que fazem menções diretas à China. Inclui temas como a colaboração entre Brasil e China para a produção e comercialização de vacinas, a comparação das medidas de isolamento adotadas pelos países do G20 e o agravamento da crise sanitária na China e suas consequências para o Brasil.
Parceria Estratégica	Trata-se dos discursos (casos) que abordam o interesse do governo brasileiro em firmar acordos bilaterais e/ou multilaterais em setores estratégicos, como tecnologia, inovação, educação etc., bem como daqueles que tratam de parcerias estratégicas já estabelecidas.
Política Externa	Essa categoria se refere aos discursos (casos) que abordam as relações Brasil-China de modo geral ou as consequências da política externa chinesa para o Brasil. Inclui menções a viagens de integrantes do governo, como o ex-presidente e a ministra Tereza Cristina, à China, para tratar de negócios; além de referências à ampliação de negócios com a China e menções à aproximação de países como Rússia e China, e seus impactos para o Brasil.

Fonte: elaboração própria (2025).

Na Tabela 1, a separação dos temas "Comércio" e "Economia" em categorias distintas deve-se ao foco temático e ao direcionamento da argumentação em cada discurso. Por exemplo, um discurso sobre a escassez de insumos agrícolas devido à crise energética na China, que impacta diretamente a produção brasileira, difere de outro que destaca a China como principal compradora da carne brasileira no mercado internacional. Ou seja, embora a China seja o maior parceiro comercial do Brasil e essa relação traga efeitos positivos para a economia, o primeiro caso enfatiza os impactos econômicos da crise energética chinesa, enquanto o segundo ressalta a dinâmica do comércio bilateral.

O mesmo critério foi aplicado às categorias de “Política Externa” e “Diplomacia”, diferenciando discursos que abordam a relação Brasil-China de maneira ampla daqueles que tratam de interações diplomáticas pontuais entre os dois países. Além disso, para o processamento dos casos e a obtenção dos resultados, os discursos foram codificados,

permitindo uma análise mais específica. Os códigos e subcódigos representam palavras-chave que resumem o tema central de cada trecho analisado, conforme ilustrado na Tabela 2:

Tabela 2 - Matriz de Codificação

Códigos e subcódigos	**Definição**
5G	Refere-se aos trechos de discursos (casos) que tratam especificamente da parceria e implementação do 5G no Brasil. Neste código, os discursos abordam o interesse na parceria ou os acordos já firmados sobre o 5G no setor de agronegócio e educação.
Comunismo **Subcódigos:** PCC China e PT BR	Refere-se aos trechos de discurso (casos) de conotação ideológica que tratam de falas sobre o comunismo e menções diretas à China. "PCC China e PT BR" compõem este grupo como subcódigos, representando falas que abordam o Partido Comunista Chinês (PCC) e o Partido dos Trabalhadores do Brasil (PT), destacando suas relações com a China e seus impactos para o Brasil.
EUA	Trata-se de trechos de falas (casos) que priorizam o alinhamento com o governo dos Estados Unidos em relação à China e demais países.
Globalismo **Subcódigo:** Projeto Global Chinês	Refere-se aos trechos de discurso (casos) que abordam um viés ideológico sobre o globalismo e seus impactos para o Brasil. O subcódigo "Projeto Global Chinês" se refere a menções sobre um suposto projeto hegemônico da China, voltado para a influência sobre o Brasil e outras nações globais.
Interação Diplomática	Trata-se dos trechos de discursos (casos) diplomáticos que abordam as interações entre Brasil e China. Inclui manifestações de agradecimento público e elogios à China, menções a ligações telefônicas entre os presidentes para reafirmar laços de amizade e falas receptivas no início de discursos oficiais.

Pandemia **Subcódigo:** Comunavírus	Trata-se de trechos de discursos (casos) que fazem referência à relação com a China durante a pandemia da COVID-19. O subcódigo "Comunavírus" foi incluído para representar um viés ideológico associado a essa temática e sua relação com a palavra-chave no discurso.
Parceria	Refere-se aos discursos (casos) que abordam de forma positiva a intenção de parcerias ou acordos de cooperação firmados entre Brasil e China.
Rivalidade	Refere-se aos discursos (casos) que sugerem uma rivalidade explícita entre Brasil e China, incluindo falas que abordam a superioridade do Brasil ou críticas à China.
Valores Ocidentais	Refere-se aos trechos de discurso (casos) que abordam um viés ideológico, tratando das consequências de medidas envolvendo a China para os valores e identidade ocidentais.

Fonte: elaboração própria (2025).

A Matriz de Codificação foi elaborada com base nos temas e conceitos-chave identificados durante o levantamento bibliográfico. Esses conceitos representam as ideias mais recorrentes nos discursos, resultado da leitura e observação empírica dos casos. Para assegurar maior precisão e verificabilidade dos dados, o NVIVO foi utilizado como ferramenta de validação, possibilitando uma análise estruturada e a apresentação sistemática dos resultados. A partir disso, os dados obtidos foram organizados em gráficos, permitindo a análise de como as ideias defendidas por Bolsonaro e Ernesto Araújo foram empregadas nos discursos críticos à China. Tais resultados serão abordados com mais detalhes na próxima seção.

4 ANÁLISE EMPÍRICA E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Esta seção tem como objetivo analisar como as ideias defendidas por Jair Bolsonaro e Ernesto Araújo foram empregadas em discursos críticos à China, com base na análise de discursos oficiais e publicações na plataforma X. A análise foi conduzida a partir da Análise de Conteúdo Automatizada (ACA), por meio do software NVIVO. A matriz de codificação foi elaborada com base no mapeamento de palavras-chave identificadas durante o levantamento bibliográfico, refletindo as ideias mais recorrentes nos discursos sobre a China durante o governo Bolsonaro. Dessa forma, busca-se interpretar os conjuntos de ideias, organizados em códigos e subcódigos, que poderão servir como referência para análises futuras.

4.1 UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DE ARAÚJO E BOLSONARO

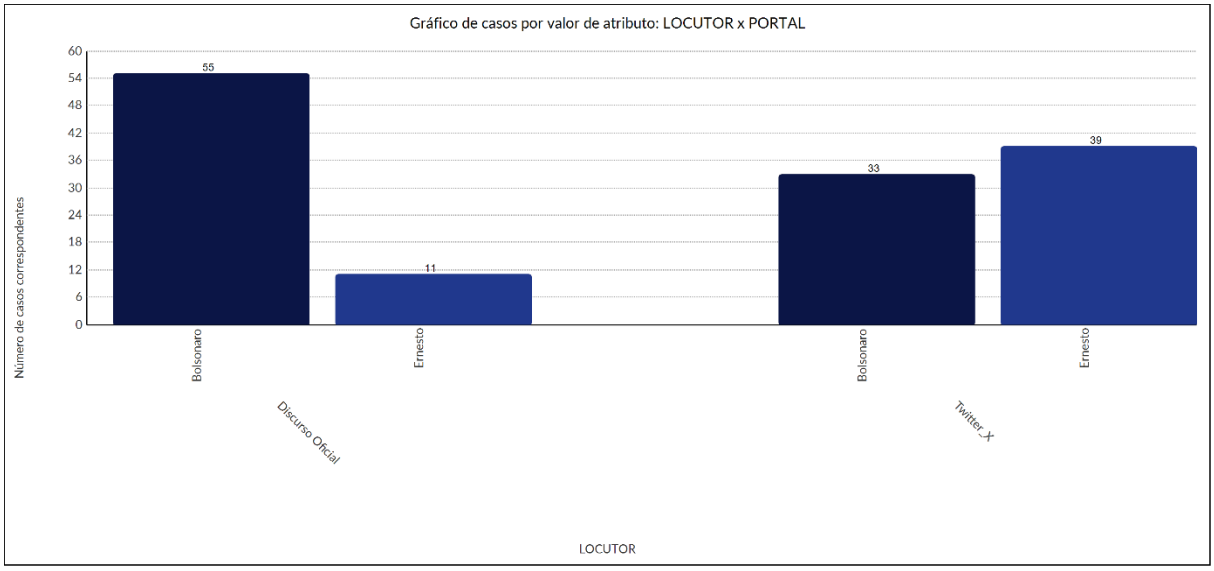
Neste momento, o foco principal recai sobre os discursos oficiais coletados na plataforma Kaggle e as publicações no X (antigo Twitter), considerando a popularidade do site da rede social entre diferentes grupos sociais no Brasil e sua ampla utilização acadêmica para análise discursiva. No entanto, reconhece-se a relevância de outros conteúdos provenientes de diferentes sites de redes sociais. Para simplificar a análise, todos os discursos e postagens serão tratados genericamente como discursos. A distinção entre discurso oficial e publicação será feita apenas quando necessário para análises específicas.

Tratando-se especificamente de Jair Bolsonaro, a base de dados do Kaggle contém 608 discursos oficiais do período de 2019 a 2022, dos quais 55 foram filtrados e analisados por conterem pelo menos uma das oito palavras-chave previamente definidas. Já na plataforma X, foram coletadas 343 publicações no perfil @jairbolsonaro, compreendendo o período de 1 de agosto de 2018 a 31 de dezembro de 2022, sendo 33 selecionados com base no mesmo critério.

Para Ernesto Araújo, a base do Kaggle reúne 55 discursos oficiais do período 2019 a 2021[7], dos quais apenas 11 foram selecionados para análise. No X, foram coletadas 256 publicações no perfil @ernestofaraujo, das quais 39 passaram pelo processo de filtragem. A seguir, o gráfico 1 ilustra essa quantificação:

Gráfico 1 - Casos por valor de atributo (Locutor x Portal)

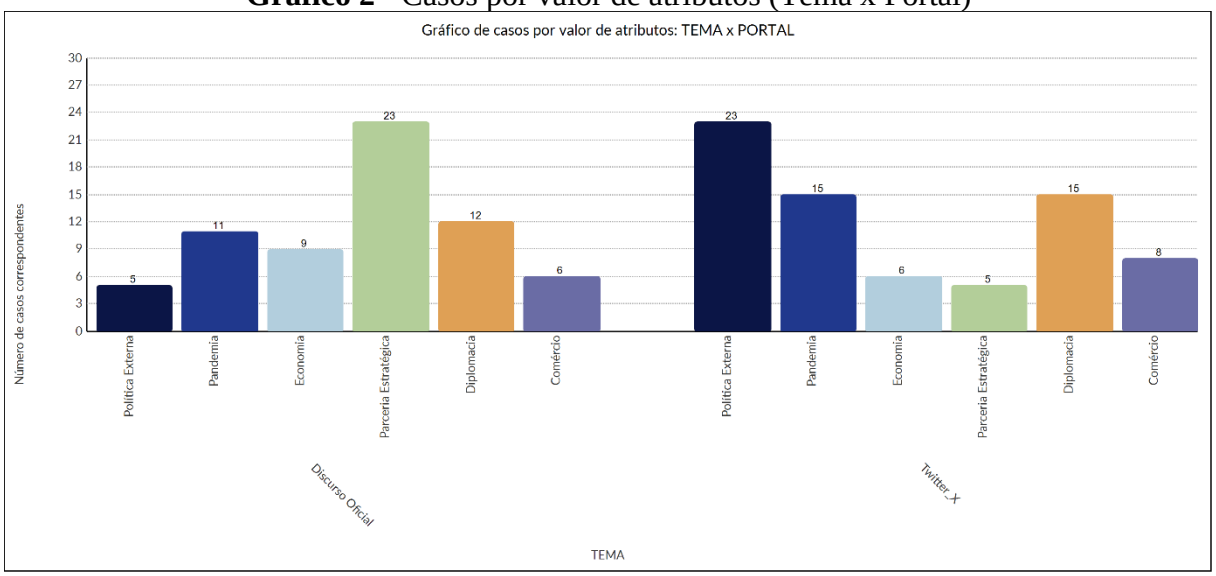
[7] Ernesto Araújo esteve à frente do Ministério das Relações Exteriores até março de 2021, sendo exonerado do cargo após forte pressão interna e externa do governo, e substituído pelo embaixador Carlos Alberto Franco França (Hirst; Maciel, 2022).



Fonte: elaboração própria (2025).

O Gráfico 1 apresenta a quantidade de casos por plataforma, evidenciando uma diferença significativa no número de discursos oficiais, com Jair Bolsonaro registrando 55 casos e Ernesto Araújo, 11. Já nas publicações na plataforma X, observa-se uma maior proximidade entre os dois, com Ernesto registrando 39 casos e Bolsonaro, 33, ou seja, seis casos a menos que Araújo. Por meio disso, o Gráfico 2 apresenta a distribuição dos temas mais recorrentes nos discursos oficiais e publicações:

Gráfico 2 - Casos por valor de atributos (Tema x Portal)



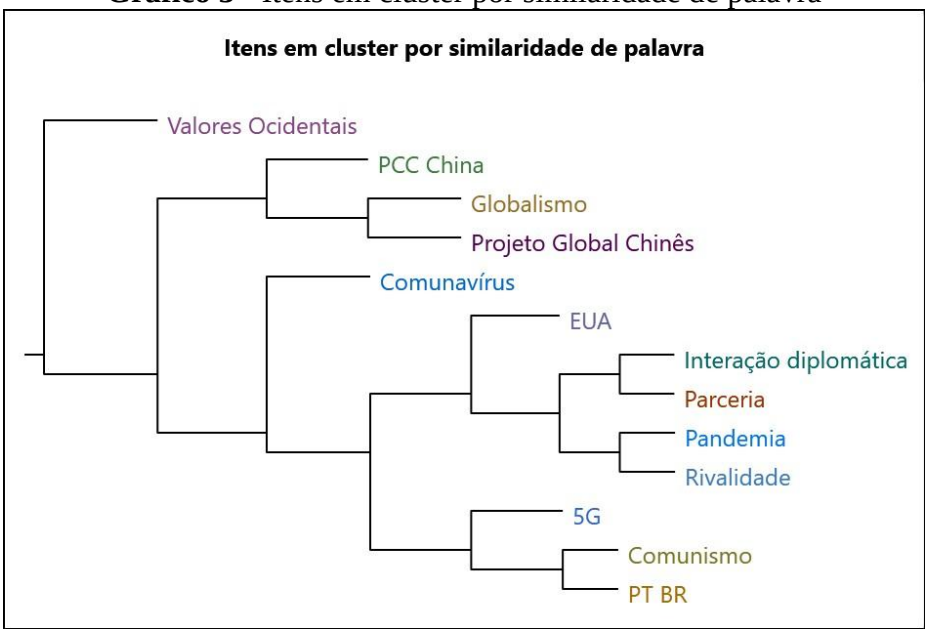
Fonte: elaboração própria (2025).

Com base no Gráfico 2, a distribuição dos temas abordados nos discursos oficiais foi a seguinte: (1) Parceria Estratégica, com 23 casos; (2) Diplomacia, com 12 casos; (3) Pandemia, com 11 casos; (4) Economia, com 9 casos; e (5) Comércio e (6) Política Externa, que

registraram os menores números, com 6 e 5 casos, respectivamente. No caso das publicações, a distribuição seguiu a ordem: (1) Política Externa foi o tema mais citado, com 23 casos; (2) Pandemia e (3) Diplomacia aparecem em segundo lugar, com 15 casos cada; (4) Comércio, com 9 casos; e (5) Economia e (6) Parceria Estratégica registraram os menores números, com 8, 6 e 5 casos, respectivamente.

Esses dados indicam que os temas mais recorrentes nos discursos oficiais de Ernesto Araújo e Jair Bolsonaro referem-se às relações de parceria entre Brasil e China, envolvendo acordos de cooperação firmados, além de interações diplomáticas que evidenciam situações de cordialidade entre os países. Ainda, a crise sanitária da COVID-19 também se destaca entre os tópicos mais mencionados. Já nas publicações da plataforma X, Política Externa, Pandemia e Diplomacia estão entre os temas mais abordados. Cabe ressaltar que, neste momento, não há distinção entre discursos neutros, positivos ou críticos em relação à China. No entanto, no Gráfico 3, essa diferenciação se torna mais evidente:

Gráfico 3 - Itens em cluster por similaridade de palavra



Fonte: elaboração própria (2025).

No Gráfico 3, estão apresentados os "itens por similaridade de palavra" com base na correlação de Pearson, em formato de dendrograma, na qual ilustra o agrupamento dos clusters (códigos) com base na correlação de similaridade de palavras que constam em cada caso, podendo indicar um padrão discursivo. Neste caso, os códigos e subcódigos correspondem a palavras selecionadas que representam o tema de cada trecho de texto presente nos discursos oficiais e publicações, estando diretamente relacionados à respectiva palavra-chave. A correlação de Pearson foi utilizada para avaliar a similaridade no uso das palavras entre os

diferentes códigos, permitindo seu agrupamento de forma hierárquica (UNESP, s.d.; Grácio; Oliveira, 2015).

Em suma, quanto menor a distância entre os colchetes, seja em largura ou comprimento, maior é a correlação por similaridade de palavras, ou seja, esses termos estão mais próximos e relacionados entre si. Da mesma forma, quanto maior a distância entre os colchetes, menor a similaridade. Esse mesmo princípio se aplica às cores e tonalidades, no quais os elementos mais semelhantes apresentam uma maior correlação. Ainda, essa correlação é expressa em uma escala de 1 a -1. Quanto mais próxima de 1, mais forte é a correlação positiva entre as variáveis, indicando maior semelhança. Quanto mais próxima de -1, mais forte é a correlação negativa, representando maior dissemelhança entre elas. Já a ausência de correlação ocorre quando o valor está próximo de 0 (Análise [...], 2021).

À esquerda, no primeiro bloco, o dendrograma revela que os clusters deste lado apresentam índices mais baixos de similaridade. Nesse quesito, o cluster “Valores Ocidentais” está relativamente mais distante dos demais, indicando que esse código compartilha menos palavras semelhantes em comparação com “PCC China”, “Globalismo” e “Projeto Global Chinês”. No entanto, ele apresenta uma tonalidade próxima a este último, com uma escala de aproximadamente 0,10. Observa-se também que “Globalismo” e “Projeto Global Chinês” estão mais próximos entre si, apresentando a correlação de cerca de 0,25, enquanto “PCC China” mantém uma relação semelhante com ambos, com cerca de 0,17 e 0,16 respectivamente.

Por sua vez, o segundo bloco, à direita, apresenta índices mais altos. O cluster com o subcódigo “Comunavírus” aparece mais isolado, assim como “EUA” e “5G”, sugerindo uma menor associação com os demais termos do bloco. Ainda assim, suas tonalidades indicam conexões, com correlação em torno de 0,17 entre esses dois últimos. Além disso, há proximidade entre “Comunavírus”, “Pandemia” e “5G”. Por outro lado, “Comunismo” e “PT BR” surgem mais próximos, evidenciando uma forte conexão de palavras, com um índice de aproximadamente 0,63. De maneira semelhante, “Pandemia” e “Rivalidade” aparecem agrupados, também com uma escala de 0,63, enquanto “Interação Diplomática” e “Parceria” apresentam o maior índice de conexão da lista, cerca de 0,64, sugerindo que compartilham um contexto narrativo comum. Por fim, “Parceria” e “Pandemia” também demonstram similaridade, com uma escala de 0,62.

A similaridade de palavras entre "Globalismo" e "Projeto Global Chinês" reforça as recorrentes associações entre discursos ideológicos a questões geopolíticas, especialmente nas publicações de Ernesto Araújo, onde ele aponta para uma suposta ameaça à soberania e aos

interesses do Brasil frente ao projeto hegemônico da China e ao globalismo. A seguir, um exemplo:

> Orgulho-me de haver sempre defendido a soberania do Brasil frente ao projeto hegemônico chinês (bem como frente ao globalismo) e de haver sempre trabalhado pelo interesse do povo brasileiro diante da oligarquia nacional aliada à China (e ao globalismo) (Araújo, 2022, online).[8]

Na publicação de maio de 2022, Araújo posiciona a China como um ator central em um suposto esquema de poder global e associa o globalismo a um fenômeno negativo, argumento utilizado de maneira geral por grupos e intelectuais de extrema-direita (Szwako; Milani, 2022), reforçando a ideia de que esse projeto ameaçaria a soberania e os interesses do Brasil. Logo, o discurso também pode ser interpretado como uma postura nacionalista. O nacionalismo pode ser compreendido com uma "ideologia que enfatiza a importância da identidade nacional e da soberania do estado em relação a outros estados" (Souza; Melo; Nogueira, 2023, p. 76). Assim, esse bordão busca exaltar a ideia de alerta que a identidade e soberania do país está sob ameaça, convergindo com a ideia de ameaça aos valores do Ocidente Político, abordado por Araújo em seu artigo de 2017.

A partir disso, Araújo utiliza um argumento conspiratório e fortemente ideológico, sugerindo que grupos domésticos (a oligarquia nacional) colaboram com a China nesse suposto projeto hegemônico. Nesse contexto, ele se apresenta como alguém que, enquanto chanceler, teria buscado defender o país contra essa influência.

Por outro lado, nas análises dos discursos de Bolsonaro, não foram encontrados registros do presidente associando diretamente o globalismo à China ou mencionando o termo "Projeto Global Chinês", seja em pronunciamentos oficiais ou publicações, ainda que tenha deixado essa ideia implícita em certos momentos, como será visto adiante.

Da mesma forma, a relação entre "Comunismo" e "PT BR" também reforça o discurso ideológico de que o Partido dos Trabalhadores (PT) teria ligação direta com um projeto comunista global. O trecho a seguir ilustra essa narrativa:

> O PT é um partido comunista, ligado a um projeto global comunista, admirado por partidos comunistas do mundo, pronto a prosseguir no Brasil a obra do comunismo

[8] Publicação de Araújo no X: https://x.com/ernestofaraujo/status/1528841230079205378.

> na China e onde for: destruir o ser humano pela corrupção, droga, aniquilação cultural, mentira, crime, censura etc.etc (Araújo, 2022, online).[9]

Na publicação de outubro de 2022, Ernesto Araújo utiliza novamente uma retórica conspiratória, sugerindo que o PT estaria ligado ao comunismo, empenhado em implementar no Brasil um projeto global comunista semelhante ao da China. O projeto teria com o objetivo a destruição do ser humano por meio de corrupção, drogas e aniquilação cultural, entre outros elementos. Este discurso se relaciona a postura de "demonização" dos movimentos e partidos de esquerda (Hirst; Maciel, 2022, s.p.), associado à retorica do ódio, que tem como alvo expresso a esquerda e sua "finalidade de eliminar simbolicamente o adversário", presente em diversos discursos de Olavo de Carvalho (Rocha, 2021, s.p.). O termo "destruição do ser humano por meio de corrupção, drogas e aniquilação cultural" se associa ao que Ernesto define como comunismo: a "abolição do homem" e maior ameaça aos países latino-americanos (Araújo, 2019, s.p.).

A partir dessa visão, o discurso transmite a ideia de perigo associado ao PT e ao comunismo, estendendo a menção à China de que já teria instaurado este projeto em seu país, o que reflete a sua visão ideológica anticomunista. Embora governada pelo Partido Comunista Chinês, a China adota um modelo de inspiração socialista, que integra aspectos políticos, econômicos e institucionais. Esse sistema combina assembleias populares, cooperação multipartidária sob liderança do PCC, autonomia regional étnica e autoadministração das massas, além da predominância da propriedade pública na economia (Xuan; Doria, 2016, p. 125). Logo, o país não segue o modelo puramente comunista, o qual é destacado pelos ideólogos da direita.

Por sua vez, Bolsonaro adota uma narrativa mais polida, embora implícita e incisiva, sobre ambos os temas, como no exemplo abaixo:

> Nós não podemos deixar que isso aconteça em nosso Brasil. Agora há pouco, assisti um vídeo do ex-presidente Lula, dizendo que o modelo econômico da China, é o que deve ser imposto no Brasil. Não vou discutir o modelo econômico da China, mas, obviamente, o primeiro passo que deveria ser feito aqui no Brasil, se esse cara viesse a ocupar a Presidência, para seguir o modelo chinês, seria acabar com a CLT (Bolsonaro, 2021).

[9] Publicação de Araújo no X: https://x.com/ernestofaraujo/status/1586082872217112577.

Neste discurso oficial de setembro de 2021, Bolsonaro faz uma crítica sutil ao modelo econômico chinês, sugerindo que caso Lula fosse eleito a presidente, o implementaria no Brasil. Ele também insinua que esse modelo resultaria no fim das leis trabalhistas brasileiras, criando uma narrativa de oposição entre "nós" (Brasil) e "eles" (Lula e China). Diferente de Ernesto, neste exemplo, Bolsonaro não faz alusão ao PT como um partido comunista que busca a "aniquilação do ser humano", embora sugira que o partido não defende os direitos básicos dos trabalhadores. Percebe-se também que a narrativa de oposição ao modelo econômico chinês faz alusão ao Orientalismo (2003), que aborda sobre a visão ocidental de desvalorização e estranhamento da cultura oriental, ao retratar de maneira pejorativa sobre o modelo de economia na China.

Além disso, a "pandemia" e "rivalidade" com a China também foram elementos recorrentes nos discursos críticos ao país, especialmente durante a crise sanitária da COVID-19. Essa postura foi amplificada durante a pandemia, como mostra o seguinte exemplo do discurso oficial do presidente:

> E agora vemos a China com problema de Covid. Quem tomou a Coronavac aí? Levante o braço. Por que a China está com problema de Covid? Não é de lá a vacina? E qual o problema? Ou era vacina só pra exportar? Só para vender a 10 dólares a dose aqui fora. Não era pra ter ninguém com Covid na China. A Coronavac é de lá. O que está acontecendo com a China? E as consequências para nós aqui? Insumos já começaram a faltar pelo mundo. Será que é a parte 2 do ataque à economia para derrubar nações? (Bolsonaro, 2022).

O discurso oficial de maio de 2022, adota um tom crítico e questionador sobre a eficácia da vacina, sugerindo uma possível contradição no aumento dos casos da doença na China. Além disso, insinua que o país poderia estar manipulando a crise para prejudicar a economia global, incluindo a do Brasil, compactuando com a ideia do "Projeto Hegemônico Chinês", no que se refere a ser uma atitude planejada por parte da China de prejudicar os demais.

Assim, essa visão reforça o discurso sinofóbico de desconfiança da China, como ameaça em potencial. Ainda, este tipo de discurso pode ser associado à postura da administração Trump, especialmente no que se refere à culpabilização da China pela pandemia. Nesse sentido, as críticas estão relacionadas, mais uma vez, a ideias anticomunistas, antiglobalistas e sinofóbicas, baseadas na narrativa ocidental que retrata a China como uma ameaça crescente à paz e à segurança internacional (Horton, 2020).

Por sua vez, Ernesto Araújo, ao abordar a pandemia em um dos discursos oficiais, utiliza de uma abordagem mais contida, enfatizando as estatísticas positivas do Brasil, como no exemplo abaixo:

> O Brasil também tem um dos maiores números de curados de Covid, estatística que normalmente não aparece, mas que dá uma ideia da qualidade do sistema de saúde. O Brasil aparece hoje como o quinto país com maior número absoluto de vacinados, correspondendo a 2, 9% da população, o que também se compara de forma não desfavorável, por exemplo, a outros grandes países em desenvolvimento, como a China, com a mesma proporção de 2, 9% vacinados e 0, 8% na Índia, a despeito da capacidade farmacêutica que a China e a Índia têm (Araújo, 2021).

No discurso oficial de fevereiro de 2021, Araújo adota uma narrativa defensiva, ao comparar o sistema de vacinação do Brasil ao da China e Índia. Ele enfatiza as estatísticas positivas sobre os números de curados e sugere que esses dados demonstram a qualidade do sistema de saúde do país, embora não mencione diretamente o SUS. Nesse sentido, o discurso oficial não exprime de forma explícita uma certa rivalidade com a China, apesar de que, ao comparar os índices de vacinação do Brasil com os de China e Índia, ele relativiza as diferenças estruturais e minimiza as capacidades industriais superiores desses países, argumentando que, apesar disso, o Brasil estaria no mesmo patamar.

Por fim, os códigos "Interação Diplomática" e "Parceria" aparecem próximos, sugerindo uma abordagem mais pragmática sobre a relação bilateral entre Brasil e China. Um exemplo disso pode ser observado no seguinte trecho:

> Estamos cada vez mais entusiasmados com as possibilidades dessa parceria e consideramos também fundamental a presença de investimentos chineses nos setores de exploração de petróleo e gás e energias renováveis, outra dimensão fundamental da nossa interação. Queremos investimentos chineses em novas áreas, como o refino de petróleo e transporte de gás natural, entre outras áreas importantes para os negócios entre o Brasil e a China (Araújo, 2019).

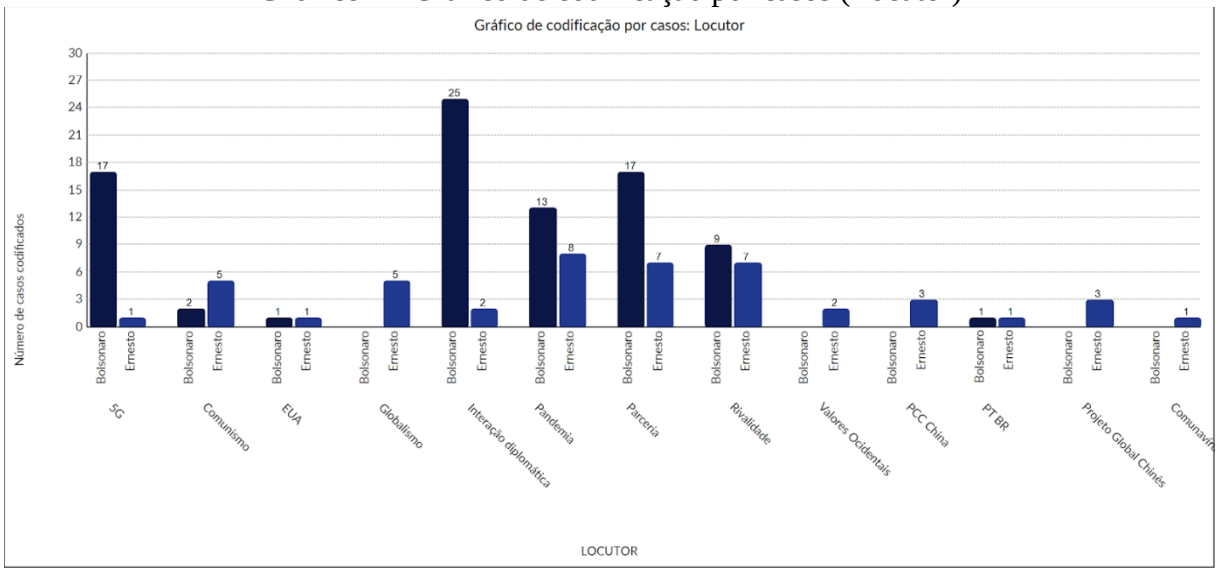
Novamente, em contraste com os discursos anteriormente analisados, esse discurso oficial de Ernesto, em outubro de 2019, apresenta um tom diplomático e cordial, indicando o interesse do governo brasileiro em ampliar as possibilidades de parceria entre Brasil e China, nos quesitos de investimento para os setores petrolífero e energia renovável. No caso de Bolsonaro, em publicações sobre esses temas, ele também adota uma linguagem moderada em relação à China:

> Nesta manhã, em ligação telefônica com o Presidente da China, Xi Jinping, reafirmamos nossos laços de amizade, troca de informações e ações sobre o COVID-19 e ampliação de nossos laços comerciais (Bolsonaro, 2020, online).[10]

A publicação de março de 2020 também reflete cordialidade e diplomacia com a China, destacando uma ligação telefônica entre o presidente Jair Bolsonaro e o presidente chinês, Xi Jinping, como uma forma de reafirmar "os laços de amizade" e a ampliação das relações comerciais. Diferentemente dos discursos acusatórios e ideológicos exemplificados anteriormente, ambos os pronunciamentos representam uma tentativa de reaproximação e manutenção da relação bilateral, refletindo a contradição na postura dos atores do governo em relação à China.

A seguir, observa-se de forma mais específica a frequência de cada um desses tópicos nos discursos oficiais e publicações, de Jair Bolsonaro e Ernesto Araújo:

Gráfico 4 - Gráfico de codificação por casos (Locutor)



Fonte: elaboração própria (2025).

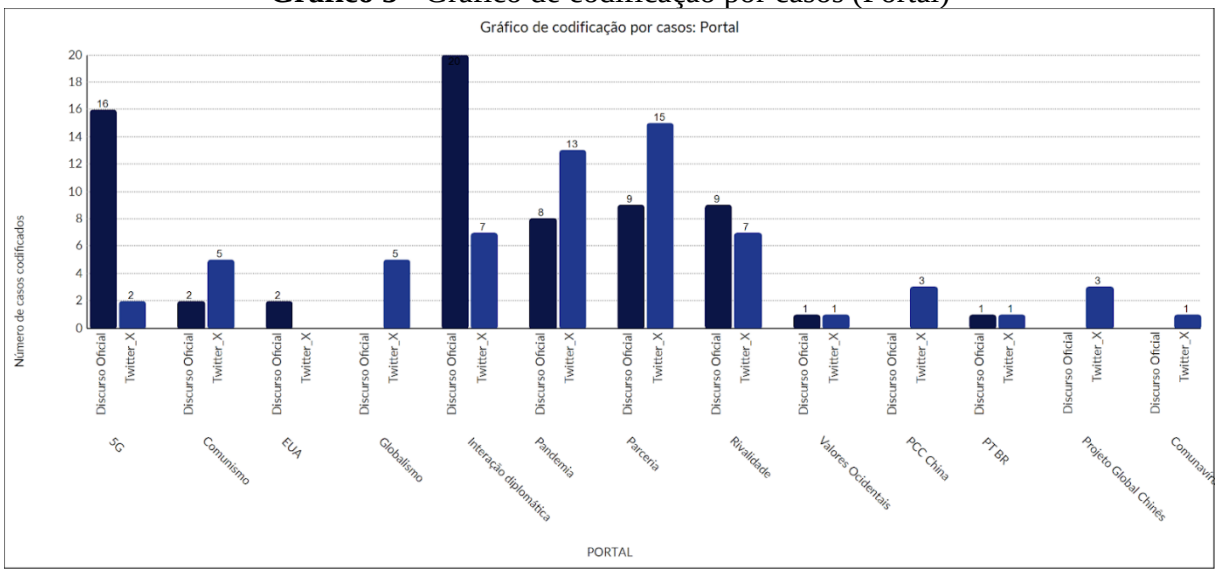
No Gráfico 4, nota-se que o tema do 5G foi abordado com maior frequência pelo ex-presidente, aparecendo em 17 casos, enquanto no discurso do ex-chanceler foi identificado em apenas 1 caso. O comunismo aparece em 2 casos nos discursos de Bolsonaro e em 5 casos nos discursos de Ernesto, uma diferença relativamente pequena, bem como Rivalidade, com 9 e 7 casos. Já os temas EUA e PT BR foram mencionados em 1 caso apenas por ambos. As diferenças mais expressivas ocorrem nos temas Interação Diplomática, com 25 menções de

[10] Publicação de Bolsonaro no X: https://x.com/jairbolsonaro/status/1242432260349067265.

Bolsonaro e apenas 2 de Ernesto; Pandemia, com 13 casos para Bolsonaro e 8 para Ernesto; Parceria, com 17 e 7 menções, respectivamente. Além disso, os temas Valores Ocidentais e PCC China apareceram apenas nos discursos de Ernesto Araújo, com 2 e 3 casos, respectivamente.

A partir desses dados, pode-se concluir que Bolsonaro é o principal emissor das narrativas codificadas em 5G, Rivalidade, Interação Diplomática, Pandemia e Parceria. A concentração de casos nessas categorias indica a polaridade dos discursos políticos do presidente, alternando entre declarações críticas e de conotação moderada em relação à China. Não obstante, ainda que Ernesto apareça em menor número, ele marca presença em todas as categorias pelo menos uma vez. Ele se destaca como o principal emissor das narrativas sobre Comunismo, Globalismo, PCC China, Projeto Global Chinês e Valores Ocidentais, indicando a centralidade de sua atuação discursiva nessas categorias.

Gráfico 5 - Gráfico de codificação por casos (Portal)



Fonte: elaboração própria (2025).

No Gráfico 5, é possível analisar a frequência dos temas mais recorrentes nos dois formatos discursivos: discursos oficiais e publicações no X. A partir destes dados, percebe-se que a Interação Diplomática é o tema mais presente, com 20 casos nos discursos oficiais e 7 no X. O tema 5G também se destaca, aparecendo 16 vezes nos discursos oficiais, mas com apenas 2 ocorrências no X. Já a categoria Parceria, apresenta uma dinâmica inversa, com 9 menções nos discursos oficiais e 15 no X. No caso da Pandemia, há 8 registros nos discursos oficiais e 13 no X, enquanto a Rivalidade aparece 9 vezes nos discursos oficiais e 7 vezes no X. O tema Comunismo tem maior presença no X, com 5 ocorrências, enquanto nos discursos oficiais surge

apenas 2 vezes. De forma semelhante, Globalismo aparece 5 vezes no X, mas não há registros nos discursos oficiais. Além disso, temas como Projeto Global Chinês, PCC China e EUA aparecem exclusivamente no X, com 3, 3 e 2 menções, respectivamente. O conceito de Valores Ocidentais surge de forma equilibrada, com um caso em cada formato discursivo. Por fim, o subcódigo de Comunavírus é mencionada apenas 1 vez no X, sem registros nos discursos oficiais.

Nesse contexto, os dados revelam que os temas Interação Diplomática e 5G foram mais recorrentes nos discursos oficiais, enquanto, nas publicações no X, houve maior concentração em temas como Comunismo, Globalismo e Pandemia. Isso evidencia a predominância de narrativas abertamente ideológicas e críticas à China na plataforma. No entanto, destaca-se também a presença do tema Parceria, que apareceu com frequência significativa no X, o que chama atenção, considerando a centralidade dos discursos ofensivos nesse meio. Já nos discursos oficiais, observa-se uma concentração de narrativas mais moderadas, enfatizando a parceria e a interação cordial. Apesar disso, o código Rivalidade também está presente nesse meio discursivo, sugerindo mais uma vez, uma polarização temática.

Por último, cabe ressaltar que, nos gráficos 3, 4 e 5, sete casos não foram codificados. Consequentemente, eles não foram incluídos nos resultados da análise, pois não se encaixavam adequadamente aos códigos e subcódigos selecionados.

Ainda assim, com base nos dados expostos, foi possível identificar quais os conjuntos de ideias predominantes em ambos os canais de comunicação e quais foram defendidas por ambos os atores em seus discursos, bem como o tipo de abordagem adotado por cada um. Na próxima seção, esses resultados serão discutidos em maior detalhe.

4.2 DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A partir dos resultados obtidos, observa-se a predominância das principais críticas feitas à China por parte dos atores, em temas como: “Comunismo”, “Globalismo”, “Pandemia” e “Rivalidade”. No caso de Ernesto Araújo, essas questões refletem uma retórica agressiva e acusatória, associando a China, de forma conspiratória, ao comunismo e, que, segundo ele, estaria vinculado a um suposto plano hegemônico de implantação do comunismo no Brasil e de dominação global. Essas narrativas estão alinhadas a posicionamentos anticomunistas e antiglobalistas de extrema direita, defendidos pelas figuras de Olavo de Carvalho e Donald Trump.

No caso Jair Bolsonaro, o ex-presidente adotou um discurso que reforçava a oposição entre Brasil e China, questionando a eficácia das vacinas chinesas e insinuando que o país estaria se beneficiando da crise sanitária para prejudicar a economia global, estratégia que também se alinha à postura sinofóbica do governo Trump.

De modo geral, as críticas à China inserem-se no contexto das pressões norte-americanas e da estratégia dos Estados Unidos para conter a expansão chinesa na América do Sul. Em 2020, o governo norte-americano intensificou seus esforços para que o Brasil aderisse ao plano *Clean Network*, uma iniciativa que visava excluir a Huawei da infraestrutura de redes de tecnologia 5G no país. Em algumas publicações na plataforma X, Ernesto Araújo buscava aparentar neutralidade em relação ao tema do 5G, afirmando que a decisão cabia ao ex-presidente e ao ex-ministro das Comunicações. No entanto, seu posicionamento reforçava o alinhamento do governo com os Estados Unidos, que dentre outros fatores, visava a garantia de apoio à entrada do país na OCDE (Hirst; Maciel, 2022).

Desse modo, o alinhamento ideológico do Brasil aos ideais norte-americanos colocou o país em uma posição de vulnerabilidade externa. Os desgastes frequentes na relação com a China impactaram não apenas as perspectivas comerciais, mas também a aquisição de insumos para vacinas e outros bens essenciais ao combate à pandemia. Tal cenário, somado ao aumento do número de mortes por COVID-19 no Brasil, resultou na renúncia de Ernesto Araújo, ao final de março de 2021, sob acusações de prejudicar os interesses do agronegócio brasileiro, especialmente com a crise do embargo à carne brasileira e de sabotar ativamente a negociação de vacinas para o país (Casarões, 2021).

Não obstante, os dados também evidenciam a alta concentração de discursos sobre o próprio “5G”, “Interação Diplomática” e “Parceria”, sugerindo que, apesar da retórica crítica, havia esforços dentro do governo para manter boas relações com a China. As ações da ala pragmática do agronegócio demonstram que, o grupo buscava preservar seus interesses, ao tentar conter os discursos e as atitudes controversas da ala ideológica. Esse pragmatismo, representado por figuras como o ex-vice-presidente Hamilton Mourão e grupos ligados ao agronegócio, como Tereza Cristina, então Ministra da Agricultura, enfatizava a necessidade de proteger o setor agropecuário brasileiro. Assim, os atores da ala procuravam moderar as declarações que expressassem receio sobre a influência chinesa no Brasil, tendo em vista que, tais manifestações poderiam prejudicar as relações comerciais, especialmente no setor da soja, de grande importância para a Bancada Ruralista (Mesquita; Rensi, 2024).

Nesse sentido, houve resistência dentro do próprio governo e de setores estratégicos quanto à possível adesão ao *Clean Network*, especialmente nos setores do agronegócio e de

telecomunicações (Gazeta do Povo, 2020). Além dos custos financeiros, considerando os investimentos já realizados na infraestrutura de 5G, havia riscos políticos, uma vez que a China, além de ser um parceiro estratégico do Brasil no BRICS, desempenhava um papel essencial como principal compradora de produtos agrícolas brasileiros (Hirst; Maciel, 2022).

Em 2021, o governo brasileiro realizou um leilão para a implementação da tecnologia 5G, concedendo os direitos de exploração das faixas de frequência às empresas de telecomunicações (Malar, 2021). Um dos responsáveis pela promoção do evento foi Fábio Faria, então ministro das Comunicações, e a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL). Nos discursos oficiais, Bolsonaro parabenizou Faria e destacou o sucesso do leilão, enfatizando os benefícios da nova tecnologia para a integração regional, especialmente para o Norte e o Nordeste, bem como para setores estratégicos. Tal posicionamento é um dos exemplos da luta entre pragmatismo e ideologia na política externa de Bolsonaro (Casarões, 2021).

No que diz respeito à estrutura dos discursos oficiais e das publicações no X, nota-se uma diferença nas estratégias discursivas adotadas por ambos os atores. Ernesto Araújo, por exemplo, recorreu a uma narrativa político-ideológica e conspiratória, abordando temas como o “Projeto Global da China” e o “Comunismo”, com maior concentração dessas ideias em suas postagens na plataforma. Embora que, em seus discursos oficiais, sua abordagem apresenta-se mais moderada e contida, concentrando-se em temas que englobavam a relação-bilateral.

Por outro lado, Jair Bolsonaro adotou um tom mais polido, embora que, em certas ocasiões, tenha recorrido a um posicionamento acusatório e conspiracionista, em relação à China. Entretanto, sua abordagem manteve certa uniformidade entre os dois canais de comunicação. Ainda assim, em diversos momentos, o ex-presidente recuou em suas declarações, alternando entre discursos mais incisivos e tentativas de aproximação diplomática. Essa dualidade fica evidente nos dados, que indicam que Bolsonaro também foi o principal emissor de discursos relacionados à interação diplomática e à parceria entre Brasil e China.

Observa-se também, uma concentração de discursos críticos à China durante o período da pandemia, enquanto a então ministra da Agricultura, adotava uma postura conciliatória para preservar a estabilidade das relações bilaterais. No entanto, Viana (2023) destaca que, embora a economia tenha resistido aos efeitos dos discursos ideológicos, os esforços não foram plenamente eficazes, como evidenciado pela crise do embargo à carne brasileira, pelo atraso na importação de materiais hospitalares durante a pandemia e tensões em torno da implementação do 5G.

Com a posse do chanceler Carlos França, logo após a saída de Ernesto Araújo, o governo passou a adotar um discurso mais moderado. A nomeação de Carlos França para o Ministério

das Relações Exteriores foi comemorada pelo embaixador da China na plataforma Twitter (à época), uma vez que, o novo chanceler adotou uma diretriz menos ideológica nas relações com o país asiático, atendendo às demandas do agronegócio (Sousa *et al*., 2022). A nova postura do Titular do Itamaraty, aliada aos elogios do presidente Bolsonaro à China, gerou expectativas de que o governo buscaria um posicionamento mais discreto e conciliador para apaziguar os impasses gerados (Viana, 2023).

Além disso, a retomada da presidência dos Estados Unidos sob a administração de Joe Biden, em janeiro de 2021, ocasionou em um enfraquecimento no alinhamento ideológico do governo Bolsonaro. Segundo Sousa *et al*. (2022), essa mudança não apenas isolou e tornou mais inadequadas as posições de Ernesto Araújo, como também reduziu o ímpeto de aproximação automática da política externa brasileira com os EUA.

Diante desse cenário, o governo brasileiro passou a demonstrar maior interesse pelo BRICS, conforme apontado por Queiroz (2024). Essa reorientação ficou evidente nos elogios de Bolsonaro ao governo chinês em um de seus discursos oficiais, especialmente durante a cúpula do BRICS em junho de 2022. Na ocasião, o presidente destacou a organização do evento sob a presidência chinesa e relembrou sua visita ao país em 2019, ressaltando os avanços na parceria estratégica e na cooperação durante a pandemia.

Portanto, com base nas informações apresentadas, observa-se que, ao longo do governo Bolsonaro, os discursos críticos do ex-ministro e do ex-presidente refletiram um alinhamento direto com as ações de Donald Trump. No entanto, com a saída de Trump, o governo teve que assumir uma nova postura na política internacional. Além disso, a saída de Araújo e a nomeação de Carlos França para o comando do MRE, resultou em tentativas de reaproximação com a China e o BRICS. Assim, a mudança de postura no Itamaraty marcou uma reorientação na política externa brasileira, onde nesta a ideologia cedeu espaço ao pragmatismo (Queiroz, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como ponto de partida a seguinte questão: quais foram as bases ideacionais que sustentaram o discurso sinofóbico dos principais atores da ala ideológica do governo Bolsonaro? Para respondê-la, mobilizou-se o referencial teórico da Análise de Política Externa (APE), com ênfase nos estudos sobre o papel das ideias nas decisões de política externa. A análise empírica, ancorada nos discursos de Jair Bolsonaro e do ex-chanceler Ernesto Araújo, permitiu evidenciar como crenças pré-existentes e visões de mundo ideologicamente orientadas influenciaram diretamente a construção de narrativas hostis à China.

Ao articular os conceitos de ambiente psicológico (Sprout; Sprout, 1957) e os mecanismos de percepção e distorção cognitiva (Jervis, 1976), a pesquisa mostrou como as interpretações enviesadas moldaram a postura internacional do Brasil no período analisado. Além disso, o trabalho se apoia nas contribuições de autores como Goldstein e Keohane (1993) e Albert S. Yee (1996), ao demonstrar empiricamente como ideias amplamente compartilhadas — tanto no plano doméstico quanto transnacional — foram internalizadas institucionalmente e traduzidas em práticas discursivas e orientações de política externa.

Ademais, é importante destacar que o antagonismo em relação à China, também foi expresso por meio de uma retórica que construiu o país como um 'outro' a ser combatido e desvalorizado — em consonância com a noção de rivalidade simbólica e oposição cultural discutida por Edward Said (2003) e Guimarães (2023), ao apresentar como essas narrativas reforçam a imagem da China como uma ameaça comunista à soberania e aos valores ocidentais globais. Essa lógica se evidenciou, por exemplo, na associação discursiva entre a China e o Partido dos Trabalhadores (PT), com o intuito de mobilizar o eleitorado doméstico por meio de uma política externa instrumentalizada, alinhada às ideias da direita global, mesmo diante da elevada dependência brasileira em relação à parceria bilateral com o país.

Com isso, esta pesquisa contribui para a literatura sobre ideias e política externa, especialmente no campo da Política Externa Brasileira (PEB), ao reforçar a relevância dos fatores ideacionais na formulação de diretrizes internacionais. Ao iluminar o papel da ideologia e da construção simbólica do “outro” — neste caso, a China —, o trabalho também se insere em um esforço analítico mais amplo de compreensão das motivações não materiais que orientam a ação externa dos Estados.

Como limitação, destaca-se a análise restrita aos discursos de Jair Bolsonaro e Ernesto Araújo, o que, embora representativo da ala ideológica do governo, não abarca a totalidade dos

atores envolvidos na formulação da política externa no período. Futuras pesquisas podem ampliar essa abordagem, incorporando outros agentes — como assessores, parlamentares, militares e influenciadores ligados à base governista — para aprofundar a compreensão sobre as conexões entre ideologia, discurso e ação diplomática. Além disso, seria proveitoso explorar se, e como essas dinâmicas discursivas persistem ou se transformam em governos subsequentes, contribuindo para o debate sobre continuidades e rupturas na PEB a partir da ótica das ideias.

REFERÊNCIAS

ANÁLISE de agrupamentos (Cluster Analysis). [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. Apresentação em PowerPoint. Publicado pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Disponível em: https://www.fca.unesp.br/Home/Instituicao/Departamentos/CienciadoSolo/gepag/3.agrupamentos.pdf. Acesso em: 5 abr. 2025.

ANÁLISE de cluster e correlação Pearson no Nvivo: um exemplo prático. [S.l.: s.n.], 2021. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal Software Nvivo - Análise qualitativa de dados. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Fvy3Of3UEmw. Acesso em: 5 abr. 2025.

ARAÚJO, Ernesto. [Discurso do Ministro Ernesto Araújo, em representação do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, na V Reunião Extraordinária de Presidentes do PROSUL]. 25 fev. 2021. *In*: KAGGLE. 2024. Disponível em: https://www.kaggle.com/datasets/pascoalgoncalves/discursos-presidentes-civis-do-brasil-1985-2022. Acesso em: 5 abr. 2025.

ARAÚJO, Ernesto. [Palavras do Ministro Ernesto Araújo na abertura do Seminário Empresarial Brasil–China – Pequim]. 25 out. 2019. *In*: KAGGLE. 2024. Disponível em: https://www.kaggle.com/datasets/pascoalgoncalves/discursos-presidentes-civis-do-brasil-1985-2022. Acesso em: 5 abr. 2025.

ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. Trump e o ocidente. Cadernos de política exterior, ano 3, n. 6, 2017, p. 323-357. Disponível em: http://funag.gov.br/biblioteca/download/CADERNOS-DO--IPRI-N-6.pdf. Acesso em: 5 abr. 2025.

ARAÚJO, Ernesto. Para além do horizonte comunista (Terça Livre, 18/12/2019). Ministério das Relações Exteriores. 2019. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/artigos-mre/ernesto-araujo-2019-2021/para-alem-do-horizonte-comunista-terca-livre-18-12-2019. Acesso em: 5 abr. 2025.

ARAÚJO, Mayara. Orientalismo na indústria cultural ocidental. Contemporânea: Revista de Comunicação e Cultura, v. 20, p. 51–70, 2024. DOI: 10.9771/contemporanea.v20i3.51549. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/377724830_Orientalismo_na_industria_cultural_ocidental. Acesso em: 5 abr. 2025.

BOLSONARO, Jair. [Discurso de posse, Palácio do Planalto]. 1 jan. 2019. *In*: KAGGLE. 2024. Disponível em: https://www.kaggle.com/datasets/pascoalgoncalves/discursos-presidentes-civis-do-brasil-1985-2022. Acesso em: 5 abr. 2025.

BOLSONARO, Jair. [Discurso em Boa Vista – Roraima]. 29 set. 2021. *In*: KAGGLE. 2024. Disponível em: https://www.kaggle.com/datasets/pascoalgoncalves/discursos-presidentes-civis-do-brasil-1985-2022. Acesso em: 5 abr. 2025.

BOLSONARO, Jair. [Discurso em São Paulo – São Paulo]. 16 maio 2022. *In*: KAGGLE. 2024. Disponível em: https://www.kaggle.com/datasets/pascoalgoncalves/discursos-presidentes-civis-do-brasil-1985-2022. Acesso em: 5 abr. 2025.

BORGES, F.; MARTINS, L. M.; RABELO, F. N. P. As relações diplomáticas e econômicas entre o Brasil e a China (2002-2023): continuidades, rupturas e desafios para o governo Lula 3. Princípios, v. 43, n. 169, p. 25 - 46, 25 jun. 2024.

BRASIL firma pacto com EUA, mas veto à Huawei no 5G ainda depende de decreto presidencial. Gazeta do Povo, 11 nov. 2020. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/economia/5g-brasil-alia-eua-banimento-huawai-decreto/. Acesso em: 5 abr. 2025.

BRITO, R. Bolsonaro diz que pandemia "pode ser fabricada" e desdenha de pedidos de impeachment. Uol Notícias, 27 de janeiro de 2021. Disponível em: https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2021/01/27/bolsonaro-diz-que-pandemia-pode-ser-fabricada-e-desdenha-de-pedidos-de-impeachment.htm. Acesso em: 5 abr. 2025.

CAMPOS, Tales de Paula Roberto de; SANTOS, Leonardo Alexandre dos. A política externa bolsonarista e a aproximação com os Estados Unidos: o neopentecostalismo como catalisador de ideias: the Christian fundamentalism as unifying agent. Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD, v. 11, n. 22, p. 83–117, 2022. DOI: 10.30612/rmufgd.v11i22.14716. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/moncoes/article/view/14716. Acesso em: 5 abr. 2025.

CASARÕES, Guilherme. O Brasil nas ruas e longe do mundo: como a crise político-econômica levou ao colapso da política externa brasileira. Aisthesis, Santiago, n. 70, p. 439-473, 2021. Disponível em: https://www.scielo.cl/pdf/aisthesis/n70/0718-7181-aisthesis-70-0439.pdf. Acesso em: 5 abr. 2025.

CERVO, Amado Luiz. Inserção Internacional: Formação dos Conceitos Brasileiros. Ed. Saraiva. 2008.

CHECKEL, Jeffrey T. Ideas and International Political Change: Soviet/Russian Behavior and the End of the Cold War. Yale University Press, Jan 1, 1997.

CORDEIRO, Ana Sophia Ramos Maciel. A propaganda da morte: uma análise das publicações do presidente Jair Bolsonaro nas redes sociais durante o período pandêmico. 2022. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/48480. Acesso em: 5 abr. 2025.

DE JESUS, D. S. V. A essência de uma subárea: os 60 anos da Análise de Política Externa. Estudos Internacionais (EI), v. 2 n. 1 jan-jun 2014, p. 81-99. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/index.php/estudosinternacionais/article/download/6827/6725/. Acesso em: 5 abr. 2025.

DREZNER, D. W. Ideas, Bureaucratic Politics, and the Crafting of Foreign Policy. American Journal of Political Science, v. 44, n. 4, out. 2000.

FERNANDES, Maria Cristina. Bolsonaro: nunca seremos 100% afinados com a China, mas na questão econômica estamos fortes. O Globo, 25 out. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/bolsonaro-nunca-seremos-100-afinados-com-china-mas-na-questao-economica-estamos-fortes-24042314>. Acesso em: 5 abr. 2025.

GOLDSTEIN, Judith; KEOHANE, Robert O. Ideas and Foreign Policy: An Analytical Framework. *In*: GOLDSTEIN e KEOHANE (eds.). Ideas and Foreign Policy: Beliefs, Institutions and Political Change. Ithaca/London: Cornell University Press, 1993.

GONÇALVES, Pascoal Teófilo Carvalho; GONDIM, Romberg de Sá; MEIRA, Carla Suzana Gomes. Discursos presidentes civis do Brasil - 1985-2022 [Data set]. Kaggle. [S.l.: s.n.], 2024. DOI: https://doi.org/10.34740/KAGGLE/DS/5566939. Disponível em: https://www.kaggle.com/datasets/pascoalgoncalves/discursos-presidentes-civis-do-brasil-1985-2022. Acesso em: 5 abr. 2025.

GOMES SARAIVA, M.; VICENTE COSTA SILVA, Á. Ideologia e pragmatismo na política externa de Jair Bolsonaro. Relações internacionais, n. 64, p. 117–137, 2019.

GRÁCIO, M. C. C.; OLIVEIRA, E. F. T. de. Indicadores de proximidades em Análise de Cocitação de Autores: um estudo comparativo entre Coeficiente de Correlação de Pearson e Cosseno de Salton. Informação & Sociedade, *[S. l.]*, v. 25, n. 2, p. 116, 2015. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/105. Acesso em: 5 abr. 2025.

GUIMARÃES, F. S. Fake news e ameaça comunista no Brasil: o discurso contra justiça social (1964-2018). Línguas e Instrumentos Linguísticos, v. 26, n. 52, p. 140–160, 12 dez. 2023.

HE, Bing *et al*. Racism is a virus: anti-Asian hate and counterspeech in social media during the COVID-19 crisis. 2021. 8 f. Tese (Doutorado) – Virginia Tech, Georgia Institute of Technology, Georgia, 2021. DOI: 10.1145/3487351. Disponível em: https://arxiv.org/abs/2005.12423. Acesso em: 5 abr. 2025.

HERZ, M. Análise cognitiva e política externa. Contexto Internacional, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 75-89, jan./jun. 1994.

HIRST, Mônica; MACIEL, Tadeu. Brazil's foreign policy in the time of the Bolsonaro government. SciELO Preprints, 2022. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.4771. Disponível em: https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/4771. Acesso em: 5 abr. 2025.

HORTON, Richard. Official: COVID-19 and the dangers of Sinophobia. The Lancet, v. 396, 2020, p. 154.

JERVIS, Robert. Perception and misperception in international politics. Princeton: Princeton University Press, 1976.

SOUSA, A. *et al*. Distensão, assimetrias e oportunidades perdidas: relações Brasil-China no governo Bolsonaro. In: Política externa brasileira em tempos de isolamento diplomático. Rio de Janeiro: Editora Telha, 2022. p. 131-148. Disponível em: https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/19488.pdf#page=132. Acesso em: 5 abr. 2025.

MALAR, J. P. Leilão e novas operadoras: relembre a trajetória do 5G em 2021. CNN Brasil, São Paulo, 29 dez. 2021. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/leilao-e-novas-operadoras-relembre-a-trajetoria-do-5g-em-2021/. Acesso em: 5 abr. 2025.

MESQUITA, Lucas. Ideias e Política Externa Brasileira: uma tênue relação na nova República. Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD, v. 1, n. 2, p. 164–187,

2013. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/moncoes/article/view/2172. Acesso em: 5 abr. 2025.

MESQUITA, Murilo; RENSI, Julia. A atuação do Legislativo na política externa brasileira: setor da soja como grupo de interesse (2019-2023). Revista de Estudos Internacionais (REI), v. 15, n.2, 2024. Disponível em: https://revista.uepb.edu.br/REI/article/view/3207/2622. Acesso em: 5 abr. 2025.

MIGUEL, L. F. A reemergência da direita brasileira. *In*: SOLANO, E. (Org.). O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil. São Paulo, Boitempo, 2018. p. 17-26.

MIRANDA, B. C. A conspiração como pilar político das novas direitas: reflexões sobre o bolsolavismo. Revista de História da UEG (REVHIST), v. 10, n. 02, p. e022102, 2021.

MORAIS, Argus Romero; PIRIS, Eduardo. O "vírus comunista": o papel das fórmulas discursivas na circulação do discurso conspiratório sobre a pandemia de COVID-19 no Brasil. Cadernos de Estudos Linguísticos, v. 65, p. e023024, 2023. DOI: 10.20396/cel.v65i00.8670198. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/376509627_O_virus_comunista_o_papel_das_formulas_discursivas_na_circulacao_do_discurso_conspiratorio_sobre_a_pandemia_de_Covid-19_no_Brasil. Acesso em: 5 abr. 2025.

MUDDE, C. The Far Right Today. Cambridge University Press, 2019.

ANDRADE, D. *et al*. Uso do software NVIVO como ferramenta auxiliar da organização de informações na análise textual discursiva. Revista Pesquisa Qualitativa, v. 8, n. 19, p. 948–970, 2020. DOI: 10.33361/RPQ.2020.v.8.n.19.357. Disponível em: https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/357. Acesso em: 5 abr. 2025.

NOBRE, F.; MENDES PINI, A.; ANGEIRAS DE MENEZES, M. E. O neopentecostalismo no Brasil e a convergência com a ultradireita no populismo reacionário de Jair Bolsonaro. Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais, v. 11, n. 21, p. 1–16, 2023. DOI: 10.22478/ufpb.2318-9452.2023v11n21.66917. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/ricri/article/view/66917. Acesso em: 5 abr. 2025.

OMS reage a críticas de Bolsonaro à origem chinesa de vacina: "Escolhemos a ciência". Jornal O Globo, 23 de outubro de 2020. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/oms-reage-criticas-de-bolsonaro-origem-chinesa-de-vacina-escolhemos-ciencia-24708744. Acesso em: 5 abr. 2025.

PODER 360. "Essa epidemia simplesmente não existe", diz Olavo de Carvalho. 23 de Março de 2020. Disponível em: https://www.poder360.com.br/coronavirus/essa-epidemia-simplesmente-nao-existe-diz-olavo-de-carvalho/. Acesso em: 5 abr. 2025.

QUEIROZ, Raul Teixeira de. A política externa do Governo Bolsonaro: desmistificando o "isolamento político". 2024. 67 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais e Estudos Europeus) – Universidade de Évora, Escola de Ciências Sociais, Évora, 2024. Disponível em: http://hdl.handle.net/10174/37577. Acesso em: 5 abr. 2025.

QUINAN, R.; ARAUJO, M.; DE ALBUQUERQUE, A. A culpa é da China!: o discurso sino-conspiratório no governo Bolsonaro em tempos de COVID-19. Revista Eco-Pós, v. 24, n. 2, p. 151–174, 2021. DOI: 10.29146/ecopos.v24i2.27698. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27698. Acesso em: 5 abr. 2025.

RAMOS DE OLIVEIRA, Felipe. Metodologias de pesquisa direcionadas ao Twitter. 2020. DOI: 10.13140/RG.2.2.29856.00006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/344772734_METODOLOGIAS_DE_PESQUISA_DIRECIONADAS_AO_TWITTER. Acesso em: 5 abr. 2025.

ROCHA, João Cezar de Castro. Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político. 1ª Edição. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

SAID, Edward. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS VIEIRA DE JESUS, Diego. A essência de uma subárea: os 60 anos da Análise de Política Externa. Estudos Internacionais: revista de relações internacionais da PUC Minas, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 81–100, 2014. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/estudosinternacionais/article/view/6827. Acesso em: 5 abr. 2025.

SARAIVA, Miriam Gomes; ALBUQUERQUE, Felipe Leal. Como mudar uma política externa? CEBRI-Revista: Brazilian Journal of International Affairs, n. 1, p. 148-166, 2022. Disponível em: https://cebri-revista.emnuvens.com.br/revista/article/view/10. Acesso em: 5 abr. 2025.

SARAIVA, Miriam Gomes; SILVA, Álvaro Vicente Costa. Ideologia e pragmatismo na política externa de Jair Bolsonaro. Relações Internacionais, n. 64, 2019.

SILVA, A. DE M. E. Ideias e política externa: a atuação brasileira na Liga das Nações e na ONU. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 41, n. 2, p. 139–158, jul. 1998.

SNYDER, R. C.; BRUCK, H. W.; SAPIN, B. Decision-making as an approach to the study of international politics. Princeton: Princeton University Press, 1954.

SOUZA, F. M.; MELO, F. R.; NOGUEIRA, S. G. Discurso da Política Externa Brasileira em tempos de Bolsonaro e Araújo. São Paulo: Mentes Abertas, 2023.

SPROUT, H.; SPROUT, M. Environment factors in the study of international politics. Journal of Conflict Resolution, Ann Arbor, Mich, v. 1, p. 309–328, 1957.

STUMPF, Elisa; VOLCAN, Taiane; SOARES, Felipe. “Made in China”: disinformation and Sinophobia on Facebook during the COVID-19 pandemic in Brazil. Revista (Con)Textos Linguísticos, v. 17, p. 94–114, 2023. DOI: 10.47456/cl.v17i37.41766. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/376727804_Made_in_China_disinformation_and_Sinophobia_on_Facebook_during_the_Covid-19_pandemic_in_Brazil. Acesso em: 5 abr. 2025.

SZWAKO, J.; MILANI, C. R.S. Globalismo. *In:* SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.) Dicionário dos negacionismos no Brasil. Recife: Cepe, 2022. P.153-155.

VÉRAS, D. B. Pandemia e crescimento econômico chinês. Idéias, v. 14, p. e023015, 09 out. 2023.

VIANA, Thaisa da Silva. Em rota de colisão: a política externa ambivalente do governo Bolsonaro e suas influências na relação com a China. Diálogos Internacionais, Rio de Janeiro, v. 10, n. 98, 2023. Disponível em: https://dialogosinternacionais.com.br/?p=2917. Acesso em: 5 abr. 2025.

WEINTRAUB publica insinuações contra a China, depois apaga; embaixada cobra retratação. G1 Notícias, 06 de abril de 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/06/weintraub-publica-post-com-insinuacoes-contra-a-china-depois-apaga-embaixada-repudia.ghtml. Acesso em: 5 abr. 2025.

XUAN, Q.; DORIA, G. O socialismo com características chinesas e seu papel como ideologia guia da China. Século XXI: Revista de Relações Internacionais – ESPM, v. 7, n. 1, p. 116–131, 2017. Disponível em: https://seculoxxi.espm.br/xxi/article/view/139. Acesso em: 5 abr. 2025.

YEE, A. S. The causal effects of ideas on policies. International Organization, v. 50, n. 1, p. 69–108, 1996.

ZHANG, Dennis. Sinophobic epidemics in America: historical discontinuity in disease-related yellow peril imaginaries of the past and present. The Journal of Medical Humanities, v. 42, n. 1, p. 63-80, 2021. DOI: 10.1007/s10912-020-09675-x. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33616830/. Acesso em: 5 abr. 2025.